

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CURSO DE MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

O GRAB E A RESISTÊNCIA
HOMOERÓTICA NO CEARÁ

FATIANA CARLA ARAÚJO

RECIFE – 2003

FATIANA CARLA ARAÚJO

O GRAB E A RESISTÊNCIA
HOMOERÓTICA NO CEARÁ

Dissertação apresentada ao
Curso de Mestrado em Serviço
Social da Universidade Federal
de Pernambuco, como requisito
parcial para a obtenção do título
de Mestre.

Orientadora–Maria de Fátima Santos

RECIFE

2003

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria de Fátima Souza Santos
Orientadora

Profa. Dra. Anita Aline Albuquerque Costa

Prof. Dr. Paulo César de Almeida

Ao amigo
Lucio Caminha,
minha grande
fonte de apoio.

AGRADECIMENTOS

O trabalho de pesquisa começa com a busca pelo tema. Por isso, agradeço a você, meu amigo, pelo despertar de uma nova forma de analisar o movimento homoerótico.

Meus agradecimentos ao Professor Francisco Agileu de Lima Gadelha, pela pessoa extraordinária que é, amiga e confidente.

Destaco a Professora Ruth Bittencourt, do Curso de Serviço Social da UECE, pelo parecer favorável à minha participação nesse Curso.

Por justiça, faço referência a Professora Irmã Moroni, Coordenadora do Curso do Mestrado em Serviço Social, em Fortaleza, pela simpatia, serenidade, competência e que nunca faltou com o seu apoio.

Destaco a Profa. Dra. Celeste Cordeiro, a quem muito admiro, pelo saber e por sua postura como docente.

Faço menção especial à orientadora, Prof. Dra. Maria de Fátima Santos, pela colaboração e indicações valiosas no decorrer dessa pesquisa.

Agradeço ao Grupo de Resistência Asa Branca como um todo, e em particular, ao seu presidente, Francisco Orlaneudo de Lima, pela disponibilidade e presteza para realização dessa pesquisa.

RESUMO

A história do homoerotismo no Brasil é marcada por sentimentos diferentes, que envolvem medo, violência, repressão, discriminação, estigma, exclusão. No entanto, o movimento homoerótico vem modificando essa realidade. Escolhido os *gays* pergunta-se como eles resistem ao preconceito e discriminação? Quais suas formas de resistência ao estigma? O objetivo dessa pesquisa é analisar as formas de resistência empreendidas pelo Grupo de Resistência Asa Branca ante a sociedade mais ampla. Através da observação participante, entrevistas e análise documental proceder-se-á a análise do tema, utilizando-se das categorias resistência e direito do homem. A partir da década de 1960 vários grupos vêm surgindo em todo o Brasil, para reivindicar, o que consideram seus direitos. Em 1989, é fundado o Grupo de Resistência Asa Branca, em Fortaleza. A luta pelos direitos humanos tem sido o fundamento que caracteriza o movimento homoerótico. Lutar pela diferença e, ao mesmo tempo pela igualdade, tem permitido ao GRAB construir a cidadania. As ações desse Grupo (debates, oficinas, reuniões, projetos, passeatas), compõem um processo de resistência diante das formas de preconceito e estigma. O GRAB luta contra a discriminação, possibilitando uma inserção social de seus membros, que são sujeitos de direitos e lutam para manter essa condição.

ABSTRACT

The history of homoeroticism in Brazil is branded by different feelings that involve fear, violence, repression, discrimination, stigma, exclusion. However, the homoerotic movement is changing this reality. When randomly chosen, *gays* were asked how they put up with prejudice and discrimination and how they withstand the effect of this stigma. The main aim of this research is to analyze different ways of resistance undertaken by Grupo de Resistência Asa Branca – GRAB before society. Through participant observation, interviews, and documentary analysis, the study will be conducted by making use of resistant classes and human right organizations. Since the 1960's, several groups have been arising throughout the whole country in order to claim what they regard as their rights. GRAB was founded in Fortaleza in 1989. The fight for human rights has been the basis that distinguishes the homoerotic movement. Fighting for differences as well as equalities has allowed GRAB to build a new citizenship. The actions of this group (debates, workshops, meetings, projects, protests) make up a process of resistance against prejudice and stigma. GRAB fights against discrimination, making possible the social inclusion of its members, who are citizens and struggle to keep this condition.

SUMÁRIO

Introdução

- Abordagem Metodológica

1. AS MINORIAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA

- As minorias
- Exclusão
- Discriminação e Estigma
- Cidadão sujeito de direitos

2. O MOVIMENTO *GAY*

- Homoerotismo do ponto de vista social
- Discriminação e resistência
- Homoeróticos sujeitos de direitos

3. O GRAB E A RESISTÊNCIA

- Pesquisa e análise dos dados

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

O crescimento do ser humano acontece através da percepção de si em relação a si mesmo, em relação aos outros e ao mundo. Ele se encontra em um contexto que, na maioria das vezes, o condiciona, limita e exclui.

José Honório Rodrigues¹ disse que toda história é filha de seu tempo, o que mostra como cada época possui suas peculiaridades, que vão mudando com o próprio transformar da sociedade.

A sociedade brasileira, e a cearense em particular, vivem em um eterno faz de conta. Faz de conta que não existe desigualdade, que não existem pobres, desempregados, que não há violência. Faz de conta que se vive em uma democracia; que há respeito mútuo, solidariedade, quando, na verdade, *vivemos numa cultura das aparências* (TREVISAN, 2000, p. 21).

Na busca de viver coletivamente, o ser humano se organiza em sociedade, estabelecendo normas, valores, crenças, que nortearão o seu viver em sociedade. A esse conjunto de regras, leis, valores, crenças, ideologias, chamam os historiadores de contexto histórico. É aí então, a modo de um casulo, que os seres humanos se condicionam, tornando-se prisioneiros de sua própria criação. Tendo em vista essas condições, pretende-se fazer um estudo das minorias na sociedade brasileira, partindo do próprio conceito e observando as formas como são tratadas.

¹ *Tempo e Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1986.

A princípio, essa pesquisa é composta por três partes. A primeira tece alguns comentários sobre as minorias na sociedade brasileira, com um estudo apoiado em Robert Castel e José de Souza Martins, no que se refere à exclusão e em Erving Goffman, quanto a discriminação e estigma. Participando de um processo de exclusão, as minorias percebem-se ativas e possuidoras de direitos, como anota Claude Lefort. Na busca seus direitos, a luta é um traço permanente na conquista dos espaços.

Encontra-se em Michel de Certeau o auxílio para entender as invenções e criatividade do ser humano comum nas ações do cotidiano. O autor fala de práticas sutis, audaciosas, formas de resistência pelas quais as minorias procuram viver, conquistando seu espaço na sociedade.

A segunda parte destaca o movimento *gay* como marco da ação coletiva na organização e luta pelos direitos humanos. A última parte consta do estudo sobre as formas de resistência praticadas pelo Grupo de Resistência Asa Branca-GRAB.

As noções de homoerótico e exclusão encontram-se bem marcadas no nosso imaginário social. É próprio do senso comum associar à vida homossexual imagens como doença, degeneração, efeminação, falta de vergonha. A sociedade vê o homoerotismo como *perversão ou monstruosidade* (CHAUÍ, 2000, p. 90).

Aqui, o homoerotismo é analisado do ponto de vista social, aparecendo as noções de estigma e discriminação, retomadas em Erving Goffman. Postos num estado de constrangimento, os homoeróticos se organizam e buscam formas de resistência. Nesse ponto, encontra-se em Marilena Chauí, James Green e Ronaldo Pamplona o

apoio biblio-teórico para desvendar as diferentes formas de perceber a exclusão e a maneira de reagir contra esse processo. Retoma-se, mais uma vez, o pensamento de Claude Lefort, no sentido de mostrar que esses indivíduos são sujeitos de direitos, resistem e lutam pela conquista de seu espaço.

A análise inicia com um estudo sobre as minorias na sociedade brasileira e a forma como são tratadas. Discriminadas e excluídas, as minorias se percebem ativas e lutam pelo seu espaço na comunidade. Dentre os vários grupos de minorias, se destaca o movimento *gay*, que é o foco desta pesquisa.

O homoerotismo é observado do ponto de vista social, tendo na luta pelos direitos do homem o instrumento de organização e peleja contra a discriminação. Permeando esse processo, observam-se as formas de resistência encontradas pelo GRAB em sua trajetória no Ceará.

1

AS MINORIAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA

*... les porte-parole des minorités hétérodoxes
offrent quelque chose de neuf (informations,
arguments, styles, etc.) au groupe; ils présentent
une perspective différente et c'est par cela qu'ils
créent un conflit qui peut pousser le groupe
à changer.*

Serge Moscovici.

No decorrer da história, os indivíduos se descobrem possuidores de direitos e buscam sua efetivação. Na qualidade de sujeitos sociais é que as minorias *se fazem ver e reconhecer nos direitos reivindicados* (TELLES,1999, p.177), exigindo seu reconhecimento no debate com a maioria, pois *rompem a unanimidade construída em torno de concepções convencionais* (LEFORT, 1991, p.37).

Vê-se em Claude Lefort a concepção de que o surgimento dos direitos decorre das práticas políticas dos grupos sociais, que possibilitam a diminuição do poder do Estado. Esses grupos têm se tornado mais ativos, provocando situações que satisfaçam suas carências.

Desde o surgimento do Estado antigo, a sociedade está dividida em dois substratos sociais diferentes e desiguais: os privilegiados (a elite) e a “massa básica” dos deserdados da sociedade. A situação, segundo Fernand Braudel, *na lei que rege o mundo nada mudou: este continua a dividir-se, estruturalmente, em privilegiados e não privilegiados* (1985, p. 85).

Tal situação é generalizada e, portanto, não seria diferente no Brasil. O Território brasileiro é fruto de uma conquista. Aqui há intimidação, terror, guerra, perseguição, ódio, violência e injustiça, características constantes do processo de conquista e posterior colonização patrocinada pelos portugueses.

Desde o início da conquista, os índios são massacrados, exterminados, quase totalmente, como gente e cultura, embora hoje a Constituição brasileira de 1988 estabeleça em seu artigo 231 que:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, crenças, tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens...

Entretanto, a Carta Maior é pouco efetiva na sua aplicação, pois, ao contrário, a reação dos latifundiários tem curso através de procedimentos os mais variados:

Matanças, tomadas de terras, massacres, atrasos nas demarcações, conflitos fundiários, pressões de políticos e grupos interessados nas terras pela revisão dos dispositivos constitucionais (caso brasileiro), constituem fatos concretos dessa história interminável... (WANDERLEY, 1997, p.78).

Os negros ainda são expatriados, escravizados e cruelmente violentados em seus direitos como pessoas humanas. É difícil serem considerados integralmente nesse *status* de seres humanos, mas como simples coisa, mercadoria, que era vendida por metro ou tonelada. Chamados de *peças das Índias, peças da África*, as toneladas de negros, representando os *fôlegos vivos, os sopros de vida* etc. (CHIAVENATO, 1980, p. 123).

A História do Brasil continua a ser um processo cruento. (RODRIGUES, 1985, p.95). Capistrano de Abreu, com sua costumeira autenticidade e coragem, nos fala como se deu a construção do Brasil:

*Os alicerces assentaram sobre sangue, com sangue se foi
amassando e ligando o edifício e as pedras se desfazem,
separam e arruinam...* (1954, p. 203).

No Brasil, os privilegiados e os excluídos sempre navegam em barcos e ondas diferentes. Os primeiros formam a elite detentora dos poderes (econômico, político, religioso, militar e cultural), enquanto os últimos (a palavra lhes assenta bem) formam a grande maioria da “massa básica” do povo brasileiro, sem poder e sem direitos.

O Estado brasileiro, desde 1822, é dominado por uma elite (barões do café, aristocracia rural, agentes financeiros das mais diversas categorias), que sempre usufruiu dos privilégios e riquezas deste imenso país. O povo, entretanto, vem sendo espoliado, massacrado como ser individual e social. Foi a maioria anônima, como reconhecem alguns historiadores, que fez a Independência, expulsou os invasores estrangeiros, venceu o poderio militar paraguaio e, ao longo dos tempos, produziu riquezas incalculáveis. Entretanto, esse grupo anônimo permanece marginalizado e sem gozar sequer dos direitos fundamentais inerentes a todo e qualquer ser humano, como vida digna, boa e necessária alimentação, habitação, educação etc.

É na luta pelos direitos que é constituído um ser humano mais consciente da necessidade de proteção dos direitos conquistados, pois o Estado, na prática, assegura a *proteção dos interesses dominantes* (LEFORT, 1991, p. 40). Diante dessa exclusão praticada pelo Estado, os homens procuram seu espaço na comunidade através da lei que lhes assegure o exercício da cidadania. O espaço procurado pelas minorias não é encontrado porque não é permitido. É conquistado pela via de um movimento ousado, criativo, que utiliza vários recursos para alcançar seus objetivos.

Os direitos do homem, para Claude Lefort, estão baseados no poder exercido pelo Estado, na lei, que legitima os direitos conquistados, e no conhecimento, que possibilita uma tomada de decisão para o reconhecimento do ser humano como integrante da sociedade.

Dentre tantos grupos de minorias, um dos exemplos é o movimento *gay*, que muito se tem destacado na sua organização e luta. Fala-se muito em ‘luta, luta,...’, mas é por se tratar de uma luta de fato, uma batalha que exige *esforços penosos* (VON IHERING, 2002, p. 32). A reivindicação e a manutenção dos direitos é uma atividade sem trégua.

Nesse ambiente de mobilização, as minorias se fazem reconhecer como *sujeitos de interesses válidos, valores pertinentes e demandas legítimas* (TELLES, 1999, p. 138), que até certo momento não haviam sido percebidos.

As minorias, em particular os homoeróticos, como serão chamados a partir de agora, assumem obrigações e responsabilidades na redefinição de um novo espaço social.

A exclusão não é característica exclusiva da sociedade atual, onde um setor social *não consegue se integrar* (LESBAUPIN, 2000) ao desenvolvimento do sistema ou acaba sendo expulso de sua parte ativa.

Na Grécia antiga falava-se em democracia, mas estavam excluídos dos direitos de cidadania os escravos, as mulheres e os estrangeiros, que constituíam mais de 3/4 da população adulta ateniense. Sócrates se insurge contra essa “democracia” ateniense, e é condenado à morte em um falso julgamento.

Na Idade Média, a Igreja excluía os considerados hereges, e os servos não participavam da vida social. No Brasil, desde o início, os índios, os negros, os mestiços e os pobres, até certa época, eram excluídos dos direitos sociais. O voto, até o século XIX, era baseado no critério censitário, excluindo, ainda, as mulheres do sufrágio universal.

O processo de exclusão/inclusão dos homoeróticos da sociedade é caracterizado pelas diferentes relações que acontecem no decorrer da história, sejam elas com a família, com o trabalho, o lazer ou a sociedade.

O movimento em defesa dos direitos dos homoeróticos surgiu na Europa ainda no final do século XIX, mas só perto do fim da Segunda Guerra Mundial, quando

milhares de homossexuais foram exterminados pelos nazistas, é que o movimento tomou ânimo. No Brasil, somente há pouco mais de vinte anos, foi que os homossexuais passaram a se organizar na luta contra a discriminação do homoerotismo.

Os objetivos do movimento homoerótico são lutar contra todas as expressões de homofobia, divulgar informações corretas e positivas a respeito do homoerotismo e conscientizar o grupo sobre a importância de estar organizado para melhor lutar pelos seus direitos.

A preocupação em estudar sobre os homoeróticos veio da necessidade de refletir sobre a exclusão/inclusão, abordando o ser humano e seu relacionamento com o social, buscando falar de poder, afetividade e direitos sociais dos agentes historicamente situados, que constituem seus modos de ser.

A área de atuação desse estudo é a cidade de Fortaleza, CE, com a análise do GRAB (Grupo de Resistência Asa Branca), surgido em 1989, que desenvolve uma luta constante pelo respeito e cidadania dos homoeróticos, por seus direitos, contra a violência e contra a AIDS.

Os direitos foram e são conquistados pela luta.

Observando o processo histórico, os direitos surgem sustentados pela luta, que representa os anseios e necessidades dos homoeróticos. A noção de processo permite a visão de que os direitos reivindicados vão se modificando conforme as necessidades; são criados, reinventados.

Ao acompanhar a evolução da História, como ramo científico ciência que estuda a ação do homem, percebe-se reivindicados pelos diversos grupos possuem uma dimensão transgressora, assim como defende Claude Lefort. É a manifestação da democracia através dos direitos, pois

só teremos alguma oportunidade de apreciar o desenvolvimento da democracia e as oportunidades para a liberdade com a condição de reconhecer na instituição de direitos do homem os sinais de emergência de um novo tipo de legitimidade e de um espaço público no qual os indivíduos são tanto produtos quanto instigadores (LEFORT, 1991, p. 47).

As conseqüências do exercício de novos direitos, fazem surgir na sociedade, um sistema de dominação não percebido anteriormente. É nesse decurso de renovação que o ser humano tem necessidade de construir outras relações entre os grupos sociais.

A concepção moderna de direitos, tal como delineia Lefort, está baseada na separação entre sociedade civil e Estado, havendo, por parte deste, uma diminuição de seu poder para que os direitos humanos possam se manifestar.

Faz-se necessária uma distinção entre o poder, a lei e o conhecimento. O direito e o saber se afirmam perante o poder quando este deixa de sintetizar em si a razão e a justiça. O surgimento e a proteção de novos direitos acontecem mediante o

questionamento do ponto de vista formal da lei, no âmbito da qual o poder não é detentor do direito. Este existe sem o controle daquele.

Não há uma situação determinada. O exercício das liberdades políticas possibilita a movimentação evolutiva de uma sociedade que se encontra em estado gerundial, ou seja, constituindo-se.

A formação da sociedade brasileira é marcada por avanços e recuos, conformismos e resistências, mudanças e permanências que se iniciaram no período colonial e continuam na atualidade. Percebe-se, durante todo esse período, um choque entre os diferentes grupos sociais, o que propicia uma transformação. Esses conflitos mostram que a sociedade está dividida, em crise.

Tais agrupamentos encontram-se em posição de conflito ideológico, social, provocado pela necessidade que cada um tem de alcançar novos objetivos ou manter suas posições conquistadas a duras penas.

A literatura histórica² muito se reporta ao descaso para com as minorias, em todos os tempos, sejam índios, negros, mulheres, protestantes, judeus, crianças, idosos, *gays* etc.

² Algumas obras podem ser mencionadas. PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 1988; FERRO, Marco. *A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação: A história dos dominados em todo o Mundo*. 2.ed. São Paulo: IBRASA, 1999; CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994; BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; RODRIGUES, José Honório. *Conciliação e Reforma no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982; MOTT, Luiz. *O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição*. São Paulo: Papyrus, 1988.

O que se define como minorias?

A partir dos próprios exemplos mencionados, busca-se um entendimento sobre a conceituação questionada.

Considerando a sociedade, um grupo, esses tipos mencionados seriam subgrupos, considerados diferentes, em razão de suas características étnicas, religiosas, de orientação sexual, gênero, costumes etc., e que, por esse motivo, são alvo da discriminação ou do preconceito. Tidos como diferentes e tratados preconceituosamente, acabam não tendo a mesma oportunidade que o resto da sociedade desfruta. Com efeito,

*Ils sont, de manière criante, directe ou hypocrite,
privés des droits que le système social, les valeurs
politiques ou religieuses, accorfont à tous les autres
individus (MOSCOVICI, 1982, p. 85).*

Serge Moscovici permite uma compreensão mais elaborada, no sentido de que não apenas apresenta o conceito mas também procura entender as minorias em seu relacionamento com o todo, mostrando que tanto influenciam quanto são influenciadas pela maioria. Para esse autor, as minorias são

*groupes qui ont été placés em situation d'infériorité,
exclus de lidée par diverses forms de discrimination,
économique, social, raciale,... (1982, p. 85).*

As normas sociais são absorvidas pelos grupos , em níveis diferentes de intensidade, o que provoca um conflito entre esses grupos e cria um contexto de mudança, no sentido em que a minoria, reprimida ou rejeitada, pressiona a maioria a estabelecer a mudança de seu comportamento.

As minorias ativas é que desempenham uma função questionadora, pois, mesmo numa situação de inferioridade, não se limitam à oposição à maioria, mas propõem, levam à modificação.

Elas pressionam, incitam à mudança na forma de falar, na lei, nas práticas cotidianas. Essas manifestações significam que algo está errado e que precisa ser revisto, modificado.

Percebe-se, então, que as minorias são discriminadas, quando não excluídas da sociedade, necessitando se organizarem para reivindicar seus direitos.

A crise contemporânea do mundo globalizado produz alterações nas teorias sobre a sociedade. Muitas destas passaram a enfatizar as ações coletivas organizadas em torno de questões de identidade – sexo, nacionalidade, etnia etc., destacando os novos movimentos sociais. Os atores desses movimentos ganham destaque nos estudos como novos sujeitos sociais, em detrimento da ênfase imprimida anteriormente às classes sociais, em especial ao proletariado, como agentes fundamentais na explicação da realidade social.

Falar de movimentos sociais tendo como pressuposto a asserção geral que busca compreender o ser humano no quadro da sociedade em que está inserido é adequado, mas insuficiente, na medida em que não aponta as formas e significados dessa inserção.

Embora o intuito dessa pesquisa não seja estudar a exclusão, até mesmo por se tratar de uma categoria difícil e que ainda é objeto de muitas divergências entre os cientistas, faz-se necessário evidenciar uma noção desse conceito, para possibilitar a aproximação e o entendimento da discriminação e do estigma.

Não perdendo o referencial de Moscovici, encontra-se em Robert Castel (1997), certa conexão no que se refere à **exclusão**, sendo esta explicada como *uma forma de discriminação negativa que obedece a regras estritas de construção* (1997, p. 40).

São atribuídas a certos indivíduos ou grupos características que não apenas os distinguem dos outros, mas induz em, principalmente os mais desavisados- a maioria- a pensá-los como inferiores, sendo tratados de forma desigual. Nesse tipo de exclusão, observa-se o tratamento discriminatório das minorias. Embora todos os indivíduos, em algum momento da vida, sejam excluídos, alguns grupos recebem uma marca ferina um estigma que os acompanha por certa parte da vida.

Diante disso, observa-se que a inclusão ocorre, nem que seja de forma precária, sobretudo através dos aspectos econômicos, pois *só os mortos são excluídos* (MARTINS,1997, p. 27). A exclusão é um processo complexo, pois se observa que a

sociedade exclui no aspecto social, para incluir na parte econômica. O indivíduo está integrado economicamente e desintegrado moral e socialmente.

Continua José de Souza Martins a referir-se a uma sociedade que exclui parte de seus membros, para incluí-los, mas, de acordo com suas regras. É nesse momento que as minorias, privadas dos direitos, marginalizadas, sem participação social, correm o risco de ser excluídas.

Por outro lado, são percebidas **as características da discriminação ligadas ao estigma**. A exclusão pode ser explicada como uma forma discriminatória e pejorativa, que leva à estigmatização das minorias, em virtude de características estabelecidas pela sociedade. Esses atributos depreciativos é que marcam o estigma e apresentam as minorias como *inabilitadas para aceitação social plena* (GOFFMAN, 1988, p. 07). O estigma está ligado às *culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca* (GOFFMAN, 1988, p. 14). Com base nisso, a discriminação se estabelece, reduzindo as possibilidades de vida social do estigmatizado. Esse indivíduo se torna suscetível àquilo que os outros vêem como seu defeito, acabando por considerar que *ficou abaixo do que realmente deveria ser* (GOFFMAN, 1988, p. 17).

A existência do estigma está associada aos indivíduos considerados normais, pois são esses que atribuem características aos grupos diferentes. Diante dessa condição, surge a crença de que *alguém com um estigma não seja completamente humano* (GOFFMAN, 1988, p. 15), por não agir ou pensar como a maioria. Ele carrega uma marca vergonhosa, sendo censurado publicamente, o que leva à discriminação e,

conseqüentemente à criação de uma ideologia que justifique sua inferioridade e o perigo do convívio com o resto da sociedade.

O estigmatizado não é considerado um ser humano normal, porquanto ele é uma aberração e, conseqüentemente, essa mesma ideologia legitima a ação violenta de grupos que busquem extirpá-lo do convívio social. Dessa maneira, a violência vai se naturalizando de modo que a sociedade aceite e até incentive o uso de tais práticas.

Grupos como família, igreja, escola, indústria, partidos políticos, fazem tudo para manter o controle social, exigem a necessidade de continuar a transmitir práticas e valores, a indispensabilidade de preservar relações hierárquicas e eliminar as práticas desviantes (MOSCOVICI, 1982, p. 106). Mas, como reação, as minorias acabam exercendo certa influência sobre a maioria e podem incitar mudança de seu comportamento, para tornar-se mais tolerante com quem, era excluído (MOSCOVICI, 1982, p. 82). Esse conflito no interior da sociedade cria uma predisposição à mudança. É uma luta constante, empreendida todos os dias pelos grupos, em função dos direitos humanos. Não basta que as reivindicações se tornem lei; é a ação prática que viabilizará a efetivação desses direitos.

Seguindo o pensamento de Goffman, o estigma aparece não nos grupos ou nos indivíduos, mas nos olhos de quem os vê. Há, portanto, uma relação entre o normal e o estigmatizado, à medida que o conjunto social mais amplo impõe condições depreciativas e imputa identidades aos indivíduos. A sociedade geral acaba por se mostrar ingênua, pois cria uma situação para o outro, podendo ocorrer-lhe algo semelhante.

Há uma tendência das minorias de se reunir em pequenos grupos, conforme seu tipo de estigma. Além disso, essas minorias podem buscar um contato com o grupo maior, cujas reações oscilam entre o retraimento e a agressividade. Isso é uma forma de ajuda mútua, no contexto da qual são construídas redes de solidariedades.

As minorias são partes de um conjunto, consideradas diferentes. Por isso, são discriminadas e estigmatizadas em virtude de seu ‘defeito’ e, muitas vezes, excluídas. É importante ressaltar que não se está generalizando as minorias. Moscovici destaca o papel das *minorias ativas* e não de todos os grupos. O percebimento da exclusão não é o mesmo para todos e conseqüentemente, a reação também é diferente, haja vista o fato de que, até mesmo no interior de um subgrupo existe diversidade.

Mas exclusão não significa passividade.

Muitas minorias não se acomodam. Elas (homoeróticos, negros, prisioneiros, índios, judeus, mulheres) se reúnem em grupos, organizam regulamentos, discutem, pressionam. Como diz Robert Castel, intervêm não apenas de forma esporádica e desorganizada mas procuram *intervir sobre o processo que produz estas situações* (1997, p. 26) de exclusão. Elas não se contentam apenas em identificar a exclusão, mas buscam maneiras de interferir nessas situações e provocar alterações que possam contribuir na conquista dos direitos negados.

Nas últimas décadas no Brasil, as obras de enfoque social têm alargado seu campo de estudo e procurado, em linguagens como as da fotografia, literatura e cinema,

teorias e métodos importantes de análise social e histórica³. Esses novos caminhos têm inspiração, sobretudo, em concepções francesas, que buscam entender o indivíduo como ator, na construção da cidadania e na luta pelos direitos humanos.

Em um país como o Brasil, em numa região como o Nordeste, mais particularmente, no Estado do Ceará, *lutar por direitos é colocar em espaço público aquilo que tende a permanecer aceito como violência natural ou imperceptível*” (CHAUI, 1984). Nessa sociedade, as diferenças e assimetrias sociais e pessoais são transformadas em desigualdades, e essas transmudam-se em relações de dominação.

Nem todas as minorias se amedrontam. Algumas procuram espaços onde possam apresentar suas necessidades e reivindicar a conquista e o reconhecimento de seus direitos.

De quais direitos se está falando? Dos direitos civis? Políticos? Dos direitos sociais?

A luta das minorias está voltada para a conquista de todos esses direitos. É a luta pela liberdade, pelo direito à vida, à segurança, à propriedade; pelo direito de associação, de participação política, de organização sindical. É, também, o direito ao trabalho, à saúde e ao emprego.

³ LÊ GOFF, Jacques e NORA, Pirere. *História: novas abordagens, novos problemas, novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988; BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992; CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997; FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

O esforço é por algo que vai além de tudo isso. É o empenho pelos direitos humanos, pela garantia de igualdade, pelo respeito e reconhecimento das diferenças dos grupos minoritários, na construção de uma cidadania ativa.

Longo tem sido o caminho percorrido pela cidadania no Brasil. Esta é marcada por avanços e limitações em suas práticas cotidianas, havendo alternância entre a ampliação dos direitos políticos e a paralisação dos direitos sociais, no período 1945-60, um ganho nos direitos sociais e a restrição dos direitos políticos, entre 1964-85.

No que se refere aos direitos civis, estes *apresentam as maiores deficiências em termos de seu reconhecimento, extensão e garantias* (RODRIGUES, 2002, p. 210), sobretudo no que se refere à *segurança individual, à integridade física, ao acesso à justiça* (RODRIGUES, 2002, p. 211).

Foi com a Constituição de 1988 que os direitos sociais apareceram mais ampliados. O grande debate está entre os princípios de igualdade defendidos pelos direitos humanos e a realidade, marcada por desigualdades e exclusões. Torna-se difícil então, a vivência desses direitos.

Perceba o leitor o fato de que, de quando em vez, é mencionada a cidadania como fruto de uma construção, o que significa tratar-se de um processo histórico, no curso do qual os sujeitos sociais criam regras de convívio social, caracterizadas por uma negociação cada vez mais acirrada.

2

O MOVIMENTO *GAY*

*Eu era bicha porque queria,
mas não deixava de ser
homem por causa disso.*

João Francisco dos Santos

- Madame Satã -

Os homoeróticos ainda são vistos de forma estereotipada e precisam ser extirpados da sociedade. As emissoras de televisão noticiaram, há cerca de três anos, o caso dos “Carecas”⁴, que agrediram e mataram uma pessoa por causa de sua orientação sexual. No dia 06 de fevereiro de 2000, na Praça da República, em São Paulo, um grupo de 30 pessoas, conhecidas como “Carecas do ABC”, espancou e matou Edson Neris da Silva, por andar de mãos dadas com outro homem.⁵ Muitas vezes essas imagens nos chegam de forma alienadora, as quais não questionamos a quem servem, quem as criou e com que objetivos. Apesar de toda liberação dos costumes, os homoeróticos ainda são hostilizados pela maior parte da sociedade, quando não claramente, mas de maneira mascarada, dissimuladamente.

Pesquisa do Ibope, realizada em 1993, com 2000 mil pessoas, revela 36% que não contratariam um homossexual para sua empresa, mesmo que fosse o mais qualificado; 47% mudariam seu voto caso descobrissem que seu candidato é homossexual e 56% mudariam sua conduta com o colega se soubessem que ele é homossexual. Um em cada cinco se afastaria(LINS, 1997, p. 250).

A masculinidade é algo que precisa ser constantemente provada pelos homens. É um desafio exigido através de atitudes e comportamentos. Essa masculinidade foi construída a partir do surgimento do patriarcado, mostrando que a virilidade é vista muitas vezes como atributo natural da sexualidade masculina, aprisionando-a a padrões rígidos. Nesse momento, se formam as relações de poder que

⁴ Os Carecas do ABC é uma gangue racista composta por jovens. Abominam roqueiros cabeludos, estrangeiros e homossexuais

⁵ Veja. Ano 33, Nº 07, 16 de fevereiro de 2000. pg. 112 e 113.

buscam o funcionamento da estrutura social e que, para isso, criam uma verdade para a própria legitimação⁶. Isso significa que os indivíduos criam normas de ordenação social.

A masculinidade é uma ideologia que justifica a dominação do homem, e ser homem é não ser feminino, não ser homoerótico, não ter gestos efeminados, não ter relações íntimas com outros homens. O homoerótico tem sido visto como um indivíduo que não possui condições para ser aceito pela sociedade e, por isso, é estigmatizado, por trair sua condição de macho.

O termo homoerótico é utilizado por Ronaldo Vainfas⁷, Luiz Mott⁸, João Silvério Trevisan⁹, James Green¹⁰ e outros, para caracterizar o homossexual, atribuindo-lhe uma cultura própria, valores e identidade com o grupo.

Os gregos antigos não se preocupavam em julgar o homoerotismo, pois este era tido como uma instituição, uma manifestação legítima do desejo humano. Cada homem adulto possuía uma vida sexual dupla: uma vida privada, orientada para as mulheres; e uma pública, dirigida aos belos rapazes e objeto de todas as atenções e comentários. A relação homoerótica grega se dava entre um homem mais velho e um mais jovem, e eram reprovadas energicamente relações sexuais entre homens da mesma idade. Aparentemente não há uma preocupação moral com o comportamento do homem nos termos que se concebe hoje, do homem heterossexual e monogâmico.

⁶ BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 06.

⁷ *Trópico dos Pecados*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

⁸ *O sexo proibido; escravos, gays e virgens nas garras da Inquisição*. São Paulo: Papirus, 1988.

⁹ *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

¹⁰ *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XXI*. São Paulo: UNESP, 2000.

Na Grécia e no Império Romano, não havia a classificação das pessoas entre homossexuais e heterossexuais. Os papéis masculinos e femininos eram definidos socialmente e o fundamental era a manutenção desses papéis.

O Cristianismo tem sua raiz no Judaísmo, que considerava o homoerotismo uma abominação passível de pena de morte. Para o cristianismo, o sexo foi dado ao homem unicamente para a reprodução e qualquer atividade que não levasse à procriação seria um pecado contra a natureza, que incluíam a bestialidade (relações sexuais de humanos com os animais), o homoerotismo e a masturbação. Estas opiniões foram consagradas em lei no momento em que o Império Romano adotou o Cristianismo como sua religião oficial. Os castigos infligidos aos ‘pecadores’ eram ser queimados; *7, 10 ou 15 anos de jejuns e abstinência; 100 dias a pão e água* (LINS, 1997, p. 228); *castração* (LINS, 1997, p. 230). A condenação dessas práticas se estendeu até o século XVIII. Mesmo diante de tanta punição, o próprio clero foi acusado de práticas homoeróticas.

No contexto da Reforma Protestante e do desenvolvimento das cidades e da vida urbana, houve uma sensibilidade para a percepção do homoerotismo. Nesse momento, busca-se a leitura dos textos clássicos que irão inspirar a poesia erótica do homem para outros homens, o desenvolvimento de bordéis masculinos, sobretudo em algumas cidades italianas.

O Brasil traz desde o início de sua colonização as marcas dos valores da moral judaico-cristã. Ainda no período colonial brasileiro, o homoerotismo era tido como *o mais torpe, sujo e desonesto, além de abominável pecado nefando* (MOTT, 1988).

No século XVIII, o homoerotismo, visto até então como crime, se banaliza, tornando-se um delito. No século seguinte, para os conservadores, é uma perversidade que precisa de condenação e, para os liberais, é uma doença que precisa ser tratada. No final do século XIX, o homoerotismo foi incorporado ao campo da Medicina, continuando vulnerável a julgamentos morais.

No século XX, o homoerótico ainda é visto por muitos como perigoso, doente ou desviante. Aquele século assistiu a um dos maiores genocídios da história. Tanto quanto judeus e ciganos, a minoria homoerótica dos territórios ocupados pelo Terceiro Reich foi massacrada em nome da pureza ariana. Cerca de 10.000 homoeróticos pereceram em campos de concentração. Ainda hoje é possível dizer que a maioria continua a tratar a questão *gay* como doença ou vício, que o homoerotismo ainda provoca longos debates, pois tratá-la como doença significa armar aqueles que elegem os homoeróticos como alvo de violência.

Reprimir, vexar, envergonhar e culpar são situações impostas aos homoeróticos, pela sociedade, como representantes de uma condição que os desqualifica, como seres humanos e profissionais.

A sociedade não admite o convívio com esses grupos que diferem em sua forma de agir, pensar, de se expressar.

A educação é um dos fatores que mais se destaca como responsável pela difusão dessas idéias. Uma sociedade repressora como a brasileira, e a cearense em particular, associada a uma moral conservadora, implica segredo e clandestinidade das práticas sexuais. Ainda hoje, o tabu é algo sagrado e divinizado que, quanto mais longe no tempo, mais poder de dominação possui. Para Marilena Chauí, o tabu é uma interdição de caráter sagrado, quanto a determinados comportamentos sociais (1991, p. 11).

Em adição a tais fatos, percebe-se o aperfeiçoamento da repressão sexual, no sentido de frear, reprimir algo que vai a uma direção não aceita ou não desejada.

Esse sistema social desqualifica o homoerótico, que *hoje vive sob o rígido controle da moral dominante* (TREVISAN, 2000, p. 19), pois, no Brasil, *não se tolera um homossexual de vida aberta e livre da imposição sexual de papéis* (TREVISAN, 2000, p. 87). Esse grupo carrega os estigmas da suspeita, da culpa e da incriminação permanentes. Aos homoeróticos é negada sua existência pública, que *só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade* (BOURDIEU, 1999, p. 14). E ela aparece através das formas de resistência.

A resistência é compreendida por Bobbio, como *todo comportamento de ruptura contra a ordem constituída, que ponha em crise o sistema pelo simples fato de produzir-se...* (1992, p. 144).

Acrescenta-se ainda a necessidade de questionar o próprio sistema, o que configura a atitude crítica que discute a organização dos grupos homoeróticos e suas formas de enfrentamento à repressão sofrida.

As práticas organizadas podem ser formais, como

reuniões, assembleias, petições burocráticas, abaixo-assinados, congressos, eventos, greves para discussões políticas ou socioculturais; ou podem ser informais, tais como *acampamentos, teatro ou encenação, passeata-relâmpago a partir de uma assembleia formalmente convocada, invasões, concentração em frente a algum órgão público, ocupação de uma determinada repartição pública* (Gohn, 1997, p. 260).

Encontra-se em Marilena Chauí¹¹ uma visão ainda mais ousada de resistência, sendo essa entendida como uma apropriação de algo que existe, embora usado de maneira diferente ao fim a que se destinava. É verdade que ela se reporta a uma resistência à mudança, mas que pode ser aproveitada, no sentido da incorporação de práticas inovadoras, ousadas, na luta contra a exclusão. Segundo Chauí, as formas de resistência podem ser o humor, os ditos populares, os grafites.

James Green, alude a uma resistência marcada por múltiplas formas, como as interações na rua, em clubes, cinemas, praias e, sobretudo, em grupos de amigos, de fundamental importância, pois funcionam como uma família alternativa, possibilitando a eles que enfrentem a hostilidade social. Cria-se, com efeito, uma subcultura

¹¹ *Conformismo e Resistência*. 4.ed. Brasiliense: São Paulo, 1986.

homoerótica, caracterizada por mudanças sociais e culturais, e acabam produzindo um movimento *gay* politizado, cujos fatores foram: o espaço social conquistado na década de 1960; a difusão de idéias do movimento *gay* internacional; o desenvolvimento de uma crítica brasileira ao machismo e à homofobia e a influência dos movimentos políticos e sociais de esquerda sobre os principais líderes.

Os homoeróticos atuam de variadas maneiras, com o objetivo de se organizarem e resistirem às formas de exclusão exercidas pela sociedade. Segundo Jurandir Freire Costa, os homoeróticos reagem de três formas à cultura opressiva:

1) criação da subcultura “camp” – gíria americana que quer dizer comportamento exagerado, escandaloso, propositalmente afeminado, tenta ridicularizar os homens como machões, e as mulheres como “bonecas”, condena o preconceito e tenta atacar moralmente o opositor; 2) a cultura do gueto- um circuito de lugares de encontros exclusivamente homossexuais, onde no geral, não se vinculam amorosamente; 3) o estilo de vida “acting out” –da ansiedade, depressão crônica, dos impulsos sexuais. Tentam negar sua homossexualidade. Muitas vezes são bissexuais. (COSTA, 1994, p. 103).

O autor acrescenta os guetos socionômicos- (do latim *socius*= companheiro, grupo; do grego *nomos*= regra, lei) - onde estão incluídos o amor e a amizade.

A militância *gay* é outra forma de resposta dos *gays* e lésbicas, tendo ocorrido na década de 1970 o surgimento dos grupos ativistas, os quais lutam contra o preconceito e a discriminação e batalham pelos direitos dos homoeróticos.

Os guetos socionômicos são grupos que se formam ao longo dos anos. Neles a amizade é o eixo central e o amor é expresso e vivido. Esses grupos se reúnem em locais privados, em geral com a finalidade de prazer social, de festas, de alegria. São grupos importantes na vida das pessoas, que também dão o suporte afetivo para os momentos de doença, dor e separação.

Cada época, com seus valores, símbolos, fantasias, determina a imagem e a figura do homoerótico. As formas de repressão configuram-se diferentes, como também diversificadas serão as respostas a elas (GOHN, 1997) ao universo dos movimentos sociais, resultado da *vontade de libertação do sujeito* (TOURAINÉ, 1998).

Entre tantos pensadores que abordam a exclusão, destaca-se Martine Xiberras, que entende por excluídos *todos aqueles que são rejeitados de nossos mercados materiais ou simbólicos, de nossos valores* (XIBERRAS, 2000), cujos valores próprios não são reconhecidos. Não é um processo individual, mas que está presente nas diversas formas de relação (social, política e econômica). Erving Goffman ressalta essa situação, ao estudar o estigma como uma condição em que o indivíduo é considerado incapaz de aceitação social.

Com a expansão da classe média, o desenvolvimento urbano e as influências internacionais, foi possível iniciar, na década de 1960, a construção de uma identidade cultural que buscasse o reconhecimento do homoerótico como ser humano que luta contra o preconceito e a homofobia. Começa, então, a conquista de seu espaço.

O movimento *gay* organizado muito tem contribuído para conscientizar os homoeróticos na busca dos seus direitos, do exercício de uma cidadania plena, na luta pela *auto-afirmação como único meio de superar a discriminação* (GREEN, 2000, p. 42).

As reações das autoridades e da sociedade civil se mostram conflitantes, oscilando entre *nojo e respeito, medo e cumplicidade, deboche e silêncio* (MUNIZ, 2000, p. 1248); entre *aceitar e repreender, entre curiosidade e repulsa* (GREEN, 2000, p. 331)¹².

Em consequência, percebe-se que a sobrevivência social, sucede, muitas vezes, através do ocultamento de seus desejos e práticas (Green, 2000). Atualmente há uma opção por um comportamento mais discreto, pois a dor que o homoerótico sente ao se descobrir *vem da consciência de que sofrerá rejeição e não da descoberta em si* (Veja, 1993, p. 59).

O Nordeste é marcado por uma moral rígida, que regula o comportamento individual e social dos seres humanos. Uma sociedade é tanto mais rica moralmente quanto mais possibilidades oferece aos seus membros de assumirem a responsabilidade pessoal ou coletiva de seus atos; isto é,

¹² Diário de Campo, Praia de Iracema, 30/06/02. Embora esteja fora do prazo da pesquisa, especificado anteriormente, vale destacar que as observações feitas durante a III Parada Pela Diversidade Sexual do Ceará, apresentam essas diferentes reações da sociedade perante a manifestação da comunidade homoerótica.

quanto mais ampla for a margem proporcionada para aceitar consciente e livremente as normas que regulam as suas relações com os demais (VÁZQUEZ, 1984, p. 45).

Esta moral superior deve combinar os interesses de cada um com os da comunidade e esta harmonização deve ter por base um tipo de organização social, no qual o livre desenvolvimento de cada indivíduo suponha necessariamente o livre desenvolvimento da comunidade.

A religião, de um modo geral, prega o amor, o perdão, a compreensão. Mas, quando se fala em homoerótico, o discurso toma outra direção. Vive-se num país dito democrático. Esta Democracia não é, todavia, para todos, pois se diz que *o respeito às minorias é apanágio da Democracia. Mas este mesmo respeito requer e espera a maioria moral do Brasil* (Jornal Presbiteriano, 1997). É preciso respeitar os homossexuais, desde que seja do interesse e consentimento da maioria .

O Arcebispo de Fortaleza,-CE, Dom José Antônio Aparecido Tosi, disse que homossexualidade é *um defeito da natureza humana* (O Povo, 2000), comparando-a à cleptomania, ao homicídio e a irascividade. Alguns dias depois, o GRAB lançou um solicitando de retratação ao Arcebispo, pedindo que Dom José *faça valer a Campanha da Fraternidade do ano 2000* (Mímeo, 2000). A campanha tem por tema *A dignidade humana e a paz, no novo milênio, sem exclusões* .

Apesar de tantas formas de exclusão, *a sociedade está mais envolvida para aceitar os gays* (Veja, 2000; 106). Existe a participação de uma parcela da sociedade

civil. Não se pode dizer que o Brasil e, ainda mais, o Nordeste, que tem arraigada em sua cultura a figura do homem viril, másculo, se compare à Holanda, uma das sociedades mais liberais, que aceita o casamento de homossexuais, a possibilidade de adoção e divórcio, ou a Dinamarca, que é o primeiro país a reconhecer o matrimônio entre pessoas do mesmo sexo (Veja, 2000).

O Projeto de Lei da então deputada Marta Suplicy, hoje Prefeita de São Paulo, que reconhece a união civil entre pessoas do mesmo sexo, é um passo na luta constante realizada pelos homoeróticos, que merecem respeito, tanto na vida privada como no trabalho.

No Ceará, uma conquista foi alcançada com a Lei 8.211/98, aprovada pela Câmara Municipal de Fortaleza, que determina sanções às práticas discriminatórias¹³ por orientação sexual, tais como

advertência, multa, em caso de um estabelecimento, suspensão do funcionário por trinta dias e até cassação de alvará (Direitos Humanos é também direito às diferenças, 2000).

Os movimentos sociais contribuem para organizar e defender os direitos das minorias. É por isso que é tão importante a luta dos movimentos organizados que mostrem a união das pessoas em torno de objetivo comum.

¹³ Entende-se por discriminação, constrangimento, proibição de ingresso ou permanência, atendimento selecionado, preterição quando da ocupação e/ou imposição de pagamento de mais de uma unidade, nos hotéis e similares, aluguel ou aquisição de imóveis para fins residenciais, comerciais ou de lazer. Folheto *Direitos humanos é também direito às diferenças. Lei 8.211/98. Fortaleza.*

Ilse Scherer-Warren enumera várias modalidades que os novos movimentos sociais expressam para construir uma sociedade mais democrática, tais como *as lutas pela redefinição da cidadania, “o fortalecimento das relações comunitárias, a resistência não-violenta* (1996:60).

O estudo das formas de resistência homoerótica à exclusão está pautado em pensamentos como o de Scherer-Warren. As noções de homossexualidade e exclusão estão bem marcadas no nosso imaginário social. É comum se associar à vida homoerótica imagens como doença, degeneração, posturas afeminadas e falta de vergonha. Segundo Michel Misse isso ocorre porque o

estigma aparece no discurso cotidiano, sob a forma de metáforas e metonímias que, pensadas com consciência, constituem-se cruéis e surpreendentes, aparentemente negadoras do saber cotidiano dessas coisas (1981:47).

Os meios de comunicação, aproveitando-se dessas características, tratam o homoerótico de maneira pejorativa e ridícula. Na realidade, *o normal e o estigmatizado não são pessoas, são perspectivas* (MISSE, 1981:25). Essa visão está na mente das pessoas e não na realidade vivida. Encontra-se em Alain Touraine o apelo à necessidade de que *o reconhecimento do outro só é possível a partir da afirmação que cada um faz de seu direito de ser sujeito* (1998: 203).

A sociedade brasileira, desde o período colonial, trata de excluir de seu convívio os índios, os negros, as prostitutas, os homoeróticos. Prova é que a Inquisição

perdurou em Portugal de 1536 até 1821. Isto significa que a sociedade cria órgãos de controle, vigilância e punição. Hoje não temos mais o Santo Tribunal, mas existem grupos organizados, como os Carecas do ABC, que tratam de perseguir negros, nordestinos e homoeróticos.

Atualmente os homoeróticos estão se fazendo reconhecer, ao reivindicarem seu direito de serem abertamente como são, para afirmarem sua normalidade. Goffman fala de uma

identidade experimentada, que é construída a partir de sua própria situação e sua própria continuidade e caráter que um indivíduo vem a obter como resultado de suas experiências sociais (1988:116).

O interessante é que são eles próprios que *reivindicam sua diferença* (ARIÈS e BÉJIN, 1987:82), que precisa ser respeitada. Hoje, os homoeróticos não são mais queimados nas fogueiras da Inquisição ou tratados com eletrochoques, mas são excluídos de nossas relações sociais, embora esteja havendo um avanço no que se refere à auto-afirmação de sua identidade e aceitação por parte da sociedade mais ampla.

O relatório da Anistia Internacional, de 1997, conclui que o Brasil é um dos países que mais discrimina e comete crimes contra os homoeróticos. Segundo Fiona

Macaulay, pesquisadora para o Brasil, do Secretariado da Anistia, *a impunidade assusta tanto quanto o grau de violência*¹⁴.

Neste contexto de violência e discriminação, o Nordeste, região onde o homoerotismo é mais temido e exorcizado, é, segundo a Anistia, o campeão de atrocidades. Temida pela família, pelos homens, com medo de serem acusados de homossexuais. Consta no relatório o fato de que, em 1996, foram notificados 26 assassinatos somente em Pernambuco. James N. Green, através de dados fornecidos por Luiz Mott, afirma que em 1999, *um gay, lésbica ou travesti é assassinado a cada dois dias* (2000:25).

Diante dessa realidade, Durval Muniz fala tanto em *homens tristes, seres infelizes* (MUNIZ, 1999: 1253) quando se refere à relação entre nordestinidade e homoerotismo, em um ambiente onde predomina a cultura masculina do homem rude, macho, viril, destemido, violento.

O homoerotismo incomoda tanto a sociedade que é possível verificar a quantidade de termos que lhes são atribuídos, mostrando o quanto há de tensões entre tolerância e repressão profundamente arraigadas na cultura brasileira¹⁵.

Fernand Braudel, certa vez, disse que nada é dado. Tudo é construído. O movimento homossexual brasileiro está envolvido nesse contexto de luta cotidiana. A década de 1960 foi um momento extremamente rico na organização dos homoeróticos,

¹⁴ Revista Isto É. Nº 1448, 02 de julho de 1997.

¹⁵ A título de curiosidade vejamos alguns dos nomes que identificam o homossexual através dos tempos, encontrados na obra de Green: sodomita, entendido, fresco, fanchono, invertido, uranista, tias, viado, dandi, bicha, boneca, enxuto e típico do Ceará, o baitola. O termo homossexual é de 1869. Atualmente já se fala em homoerótico.

no sentido de se mostrarem à sociedade como pessoas capazes e não como doentes (GREEN,2000, p. 263).

Vale destacar o fato que somente em 1985, o Conselho Federal de Medicina passou a desconsiderar homossexualidade como doença, e a Organização Mundial de Saúde somente em 1991. Nesse momento de organização dos homoeróticos, vão surgindo alguns grupos que lutam contra o preconceito e a discriminação., como é o caso do Sommos, primeiro grupo homoerótico, organizado em 1979, na cidade de São Paulo.

Ainda hoje não é fácil discutir sobre o homoerotismo. Vivenciá-lo é mais difícil ainda, sobretudo porque a sociedade continua conservadora, desrespeitando e discriminando essa minoria, através de publicações, da TV, do cinema, de piadas, com perseguições e assassinatos, descaso da polícia e dos órgãos governamentais.

É nesse contexto de preconceito que o Sommos organiza em 1979 o I Encontro de Homossexuais Militantes, realizado no Rio de Janeiro. Vivendo no período da ditadura militar, esse Encontro é um marco de incentivo para que outros grupos se organizem e promovam discussões sobre o homoerotismo e conquista da cidadania.

Abordagem metodológica. O Grupo de Resistência Asa Branca-GRAB foi escolhido como uma referência homoerótica que permite dialogar com a realidade social de Fortaleza sobre a trajetória dos direitos humanos no Brasil contemporâneo. Pretende-se fazer uma análise, através das atividades desenvolvidas pelos membros do

GRAB, das razões que os conduziram e os mantêm nesse grupo. O objetivo é tentar perceber nas suas ações a luta pelos direitos humanos como forma de resistência.

É a categoria ‘direitos do homem’ que apoiará as discussões em torno de preconceito e estigma dos *gays* cearenses, os quais reagem a essa condição de excluído.

A escolha do GRAB tem sentido, à medida que funciona como um instrumento de organização e reivindicação, em particular, dos *gays* pobres, pelos direitos sociais negados. Ao selecionar os *gays* como objeto de pesquisa, o conhecimento da pesquisadora era superficial e subjetivo, fonte de observações e sentimentos. A aproximação da realidade foi acontecendo com a leitura de livros¹⁶, jornais¹⁷ e revistas¹⁸, tendo cautela com as informações divulgadas pela imprensa, para não compartilhar preconceitos nem obter visões parciais.

Embora exista farto material sobre os *gays*, foi difícil encontrar documentos que apresentassem as minorias lutando por seus direitos. *Psychologie des minorités actives*¹⁹ forneceu indicações de como entender a organização dos *gays* e sua luta pelos direitos sociais.

A finalidade deste estudo é analisar as formas de resistência encontradas por essa população, diante do estigma, preconceito e discriminação social. Percebida a discriminação, como eles reagem? Pelo que lutam e através de quais mecanismos?

¹⁶ VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados*. Rio de Janeiro: Campus, 1989; TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000; GREEN, James. *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XXI*. São Paulo: UNESP, 2000.

¹⁷ Jornal Presbiteriano, 1997. O Povo, 2000.

¹⁸ Veja, n.19, 12 de maio de 1993. Veja, n.07, 16 de fevereiro de 2000. Isto é, n.1448, 02 de julho de 1997. Super Interessante, n.168, setembro de 2001. Veja, n. 3, 24 de janeiro, 2001.

¹⁹ MOSCOVICI, Serge. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

Veio então, a indagação principal: onde encontrá-los? Eles estão em todos os lugares, e o contato na rua seria difícil por se tratar de um território perigoso desconhecido. Procurou-se um local onde eles se encontrassem e chegou-se ao Grupo de Resistência Asa Branca.

Através de amigos conseguiu-se o endereço do GRAB. A pesquisadora dirigiu-se ao local que era a sede do Grupo, apresentou-se e os informou sobre seus objetivos. Na primeira visita a pesquisadora foi informada que somente o presidente do GRAB poderia fornecer as informações. Foi acertado um segundo encontro, no qual o Sr. Orlaneudo Lima colocou-se disponível para a realização da pesquisa.

Por princípios éticos ficou acertado que o Grupo forneceria material para esse estudo e a pesquisadora, em outra oportunidade escreveria a história do Grupo de Resistência Asa Branca.

A pesquisadora inteirou-se do horário de funcionamento e do calendário das reuniões. Aos poucos, deu-se o entrosamento e o convívio foi se estabelecendo naturalmente.

Entre setembro de 2000 e agosto de 2002, os contatos com o GRAB foram mantidos, através das reuniões²⁰ abertas ao público e em outros momentos, como passeatas, encontros, palestras, para tomar conhecimento do material produzido pelo Grupo, entre os quais as atas das reuniões, panfletos, cartas-protesto. Nesses contatos,

²⁰ As reuniões são às terças-feiras, às 19 horas, na sede do Grupo, que fica Rua Tereza Cristina, ---- alternando-se entre uma geral, aberta ao público e outra da diretoria.

observou-se, presenciou-se depoimentos e participou-se de conversas que forneceram subsídios para essa análise.

Aos poucos, a comunicação se estabeleceu em clima de confiança, sem que houvesse medo ou constrangimento com a presença da investigadora. Além de observar o ponto de vista dos membros do GRAB, o interesse estava em compreender como esse Grupo constrói suas ações de cidadania.

Neste sentido era fundamental a análise da documentação elaborada pelo movimento para se compreender o processo de luta empreendido pelo GRAB e as formas de enfrentamento utilizadas por ele na construção da cidadania dos sujeitos homoeróticos. Além disso, as reuniões atuais, as discussões entre os membros participantes do GRAB poderiam fornecer elementos para a compreensão das idéias, preocupações e estratégias atuais do movimento.

Assim, este estudo utilizou prioritariamente duas técnicas de coleta de dados: a análise documental e a observação participante, complementadas por conversas informais com os sujeitos participantes ativos do movimento.

Foi elaborado um roteiro, para que as conversas acontecessem informalmente, mas sem fugir ao objetivo desejado. Neste momento, não se utilizou o gravador, para que não inibisse certos membros mais retraídos. Optou-se por não gravar e nem anotar as primeiras conversas, para que fosse construída uma situação confortável e se pudesse chegar ao depoimento de forma tranquila. Procurou-se conversar com cada um de maneira isolada, embora na maioria das vezes tenha ocorrido entre duplas ou

trios. Os depoimentos foram colhidos após vários encontros. Dentre os vinte membros que freqüentam o GRAB mais assiduamente o convívio com alguns foi maior.

Os depoimentos variavam de extensão e profundidade, por diversas razões, tais como o sofrimento de cada um, o nível de consciência de sua realidade, a desconfiança em mencionar certos aspectos da vida íntima e até mesmo o engajamento no Grupo. Os nomes dos membros foram evitados, já que o estudo busca compreender a sua ação do grupo e não dos indivíduos isoladamente. Algumas técnicas auxiliaram na obtenção das informações: memorização das conversas e logo após, registro escrito, anotações durante os depoimentos, gravação de entrevistas, com a transcrição em seguida.

Richardson explica que *determinar e delimitar um problema de pesquisa implica conhecimento do objeto selecionado para estudo, o que se deseja pesquisar* (1989, p.21).

Acredita-se que todo pesquisador busca algo diferente, inovador, talvez ousado. À procura de um tema, a pesquisadora se deparou com a rejeição aos homossexuais pela sociedade. Identificada a discriminação, percebeu-se que essas pessoas resistem e buscam formas de enfrentamento.

O universo do homoerotismo era muito grande e por isso fez-se necessário uma delimitação do tema e também dos sujeitos, onde foi escolhido os *gays* como referencial dos *homens que praticavam sexo com outros homens* (GREEN, 2000, p. 137).

Vale destacar que existem certas diversidades sexuais entre os homoeróticos.

Transexuais são pessoas que nascem com um determinado sexo biológico, mas que sentem pertencentes ao gênero oposto. A transexualidade é uma não identificação com o sexo biológico.

Travestis são pessoas que têm a orientação do seu desejo pelo sexo oposto; que se sentem e se comportam de acordo com o seu biológico, mas que para manter uma relação sexual satisfatória necessita usar uma peça da vestimenta do sexo oposto ao seu.

Transformistas são pessoas que se vestem com roupas do sexo oposto ao seu e que desempenham papel sexual contrário ao sexo biológico.

Drag queens e drag kings são homens ou mulheres que estão em harmonia com seu sexo biológico, sentem-se e percebem-se como homens ou mulheres, e se vestem com as roupas do sexo oposto para brincar com o seu papel.

Cross-dressers são pessoas que se sentem e se comportam de acordo com seu sexo biológico, mas que, em dado momento, se vestem com roupas do sexo oposto. Quando vestidos, desempenham o papel sexual expresso pela vestimenta.

A população estudada é de homens que se vestem, identificam-se como homens e que sentem prazer sexual com outros homens.

A partir das conversas informais, da observação participante e da discussão de grupo, a resistência se apresentou de três maneiras diferentes. Para alguns, a fuga da realidade, da família, é o melhor caminho. Outros, consideram a criação de uma forma de vida, isto é, de uma subcultura, a base do movimento homoerótico e ligado a esse, uma parte vê na organização e luta por direitos o caminho para a construção da cidadania ativa.

Os homoeróticos filiados ao GRAB não chegam a trezentos. Mesmo assim, não foi possível conhecer a todos, pela sua ausência das reuniões e pelo fato de suas fichas serem confidenciais, a elas tendo acesso somente a Presidência do Grupo. O número de membros, com os quais se estabeleceu contato e que freqüentam a sede, oscila em torno de vinte pessoas.

Entre a população estudada sete pessoas se dedicam exclusivamente ao grupo, embora tenham exercido outras atividades como auxiliar de escritório, no caso do atual presidente. Há graduados em Pedagogia, Comunicação Social, Direito, sendo alguns pós-graduados.

Como a maior parte vive da militância, a sua presença na sede não tem horário definido, ficando mais fácil encontrá-los nos dias das reuniões. O período da noite era o mais propício às entrevistas e observações.

Após essa etapa foi iniciada a observação, seguindo um roteiro que envolvia cinco aspectos:

- Significado de homoerotismo,
- Motivo da integração no Grupo,
- Percepção do preconceito,
- Objetivo do GRAB,
- Relação homo-heterossexuais.

Esses aspectos foram escolhidos pela necessidade de se conhecer o entendimento que os membros do GRAB tinham sobre sua condição de homoeróticos e a forma como eram tratados. Era preciso compreender como eles percebiam o homoerotismo e de que maneira sentiam o preconceito. Era uma condição indispensável conhecer esse contexto para que pudesse vislumbrar a tomada de consciência, pois a mobilização só acontece quando há algum motivo que a exige.

À medida que as visitas foram se tornando freqüentes, a observação e a análise dos documentos como os únicos instrumentos de pesquisa não atendiam aos objetivos desejados, porque não apareciam as reações à discriminação. Decidiu-se, então, realizar entrevistas com apenas três integrantes do Grupo, para esclarecer o que não poder ser observado ou lido.

Com esse objetivo, implementou-se um roteiro de entrevistas contendo os aspectos abaixo mencionados:

- Significado dos pontos de encontro *gay*,
- Forma de organização do Grupo,

- Reação diante das práticas discriminatórias,
- Estratégias de enfrentamento,
- Luta por direitos.

Ao ser observado que o homoerotismo era visto com preconceito e tratado com discriminação, optou-se, por saber quais as reações do Grupo e como seus membros as colocavam em prática. Daí, a escolha dos itens acima mencionados, que vieram complementar o que havia sido observado.

Enquanto alguns eram mais receptivos, outros permaneciam distantes. Desses mais retraídos, as falas eram curtas e dificultou a obtenção dos dados.

A partir do material obtido com a observação, entrevistas, depoimentos e registros foi trabalhado por temas que sustentassem as categorias de resistência e direitos do homem.

Além disso, o estudo das atas das reuniões colaborou para a compreensão do tema proposto. O estudo desse material deu-se por assunto, que estivessem relacionados ao roteiro de observação e às entrevistas. Os assuntos foram:

- Rejeição,
- Ajuda mútua,
- Educação sexual,
- Conscientização,
- Mobilização.

O estudo foi iniciado com a observação participante do presente em que vivia o GRAB, onde apareceu o preconceito e a discriminação. Seguindo com as entrevistas semi-estruturadas, foi apresentada uma situação de organização e mobilização, construída por esses indivíduos estigmatizados, na qual os homoeróticos reagiam ao preconceito. Diante desse quadro que acontece no momento atual, surgiu o interesse de saber o que os levou a descobrirem sua condição de estigmatizados e como tal, tratados de forma diferente. Através da leitura das atas das reuniões passadas, foi visto que eles se sentiam rejeitados e buscavam ajudar-se entre si, através da orientação e educação sexual, que os levou à conscientização de sua orientação sexual e conseqüentemente, uma tomada de posição mais atuante.

Vejam que essa situação só apareceu com o estudo das atas das reuniões acontecidas no passado, que mostravam a base da construção de uma subcultura. A resistência dá-se hoje, devido às condições de tomada de consciência ocorridas anteriormente.

3

O GRAB E A RESISTÊNCIA

Nós não vivemos de GRAB, mas para o GRAB

Orlaneudo Lima

A análise dos dados demonstra que os sujeitos buscam o GRAB a partir de expectativas diversas que, em última instância, revelam duas formas diferentes de resistência que se complementam, possibilitando as ações do movimento: fuga da realidade e organização e luta pelos direitos humanos.

Analisando o primeiro aspecto, **a fuga da realidade**, o GRAB funciona como um local de refúgio para seus membros, que não têm condições de manifestar sua orientação sexual. No Grupo, eles encontram liberdade, apoio, confiança. Dentre os dados ora mencionados, quatro pessoas se encaixam nessa condição. O medo da repressão impede que elas expressem publicamente sua homossexualidade. São pessoas tímidas, que procuram se expor o menos possível, *pois o homossexual continua vivendo num universo concentracionário, sob rígido controle da moral dominante* (TREVISAN, 2000, p. 19).

As próprias falas deles refletem essa realidade.

...ser gay é difícil, pois a sociedade nos olha com preconceito. Até dentro de casa mesmo. Por exemplo: numa família negra, o pai não chama seu filho de 'negro safado', mas, a qualquer momento um gay é chamado pela sua família de 'você, seu veado'²¹.

A procura pelo Grupo ocorre por uma necessidade de compreensão e apoio²², e Mancur Olson afirma que *a formação de associações com afiliação a elas se deve a um instinto de pertencer* (1999, p. 32). Essa questão também é tratada por

²¹ Diário de Campo, GRAB, 20/03/01.

²² Diário de Campo, GRAB, terça-feira, 13/02/01

Goffman como uma tentativa de manutenção da identidade, que precisa ser preservada, diante da ameaça da descoberta. Por isso, *o encobrimento é necessário...e não convém divulgar a estranhos* (1988, p. 86).

Esses indivíduos estigmatizados constroem uma vida dupla, desempenhando papéis, numa tentativa de autopreservação. O Grupo oferece o encobrimento das práticas negadas pela sociedade.

Os demais, cerca de 80%, buscam o Grupo como instrumento de **organização e luta pelos direitos humanos**. Estes entendem o GRAB dentro de um contexto de tomada de consciência de seu papel, diante de uma sociedade preconceituosa.

O grupo é a forma política básica (OLSON,1999, p. 131), por isso o estudo do Grupo de Resistência Asa Branca traz ao conhecimento da sociedade mais ampla a formação de novas relações entre os diferentes grupos sociais.

A relação de uma maioria com uma minoria é ambivalente:

son aspect positif est que l'individu ou le sous-groupe déviant constitue l'un de pôles du groupe et du changement social. Son aspect négatif est que les déviants sont maintenus à distance, obligés de rester à la périphérie de la société; on reconnaît, leurs mérites et leurs contributions sans les admettre ni les approuver ouvertement (MOSCOVICI, 1982, p. 222)

As relações entre os grupos são difíceis, pois perpassam as relações de dominação, criando condições ou impondo limites entre seus membros. A maioria estabelece critérios de reconhecimento das qualidades e valores da minoria, sem, entretanto, reconhecê-las publicamente.

A organização do movimento homoerótico brasileiro teve seu início nos anos 1960 em São Paulo e, com o passar do tempo, os grupos foram surgindo em várias partes do Brasil. Era uma época de desenvolvimento urbano, o que facilitou o surgimento de uma **subcultura homoerótica**.

A criação de praças, boates, bares, clubes, cinemas, etc propiciou uma mudança na vida urbana. Sob influência das idéias internacionais, no que se refere às roupas, costumes, idéias, a sociedade foi mudando, permitindo uma transformação nas relações de gênero. Nesse contexto de mudança social, uma nova forma de vida vai aparecendo, uma nova cultura é organizada, como forma de manifestação e sobrevivência dos homoeróticos brasileiros.

Parmi les facteurs créent cette attirance, il y a besoin fondamental d'approbations sociale, que incite l'individu à éviter ceux qui le rejettent et à rechercher ceux qui accepteront et reconnaîtront sa manière de penser et d'agir (MOSCOVICI, , 1982, p. 213).

As ações da minoria estão contidas em um cenário maior que envolve o anseio de mudança, a construção de uma cultura e a necessidade de reconhecimento de

suas práticas sociais. Não se limita a criar algo, mas faz-se necessário que seja legitimado.

Deve-se supor que a essas maneiras de fazer correspondem procedimentos em número finito e que implicam uma lógica dos jogos de ações relativas a tipos de circunstâncias (CERTEAU, 2000, p. 83).

Michel de Certeau faz um estudo do que ele chama *homem ordinário*, isto é, o ser humano comum, que cria maneiras de sobreviver e reinventa o cotidiano. É o momento que propicia a aquisição de modos facilitadores do convívio social. A isso, o autor chama de *jogos*.

Em Fortaleza dos anos 1980, a militância aconteceu de forma clandestina, em bares (Duques e Barões, Netinho, Fontenele, Casa Blanca, Libertine, Tabu-Bar, Bar Zerlon, Czar)²³ e praças (do Ferreira), reconhecidos como pontos de encontro *gay*²⁴.

Com o incentivo do Pastor Onaldo, da Igreja Pacifista Tunker, foi constituído o Grupo de Resistência Asa Branca-GRAB, em Fortaleza. Sem sede, as reuniões aconteceram, sobretudo, no bar Duques e Barões, que se localizava à Av. Duque de Caxias, na casa do próprio Onaldo e na Praça do Ferreira²⁵.

²³ Ata da sessão realizada no dia 23 de maio de 1986, Livro 1, p.18.

²⁴ Atualmente há saunas (Termas Iracema, Termas Club 2000, Termas Central, Termas Kaliente, Termas D'Boys), barracas de praia (Bora Bora, Joca, Mikonus, Pin e Tosa), bares (São Sebastião Bar, Fantasma da Ópera, Anistia Music Bar, Mesa de Bar, Casa da Irene, Chiquita Bacana Dancing Bar, Mukifo Bar) e boates (Broadway, Divine, Hiss Disco Club, Queen GLS Disco).

²⁵ Diário de Campo, GRAB, quinta-feira, 26/04/01.

As táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas (CERTEAU, 2000, p. 45). Os homoeróticos vão tomando consciência de seus deveres e direitos com cidadãos, o que acontece por causa de sua mobilização.

A preocupação do grupo estava em discutir a situação política do momento e a violência contra os homoeróticos- temas que os envolviam bem de perto.

La minorité déviante insiste sur l'individualité, en mettant l'accent sur ce qui divise plutôt que sur ce qui unit. Elle transforme ce qui, du point de vue de la majorité, ne peut être considéré que comme une négation de la loi ou de la conception traditionnelle de la réalité, en une nouvelle loi ou une nouvelle conception de la réalité qui offre une solution de rechange (MOSCOVICE, 1982, p. 192).

O aparecimento da AIDS, paradoxalmente, ofereceu esse contexto para a discussão das “concepções tradicionais da realidade”. O cuidado com a saúde aparece através da doença. É a preocupação com a vida que oferece instrumentos de modificação da realidade, propiciando uma alternativa nas relações sociais.

A maior de todas as preocupações era com a AIDS: o atendimento digno aos doentes, o combate ao preconceito e à discriminação ao portador do HIV e sobretudo a prevenção ao vírus. O GRAB iniciou suas reuniões em 1989 e, após dois anos, ele adquiriu sede, criou um estatuto de funcionamento, propiciando um trabalho mais objetivo e organizado.

O GRAB funciona como um centro de orientação e ajuda aos homoeróticos que foram e são expulsos de suas casas ou buscam um maior entendimento sobre sua recente descoberta.²⁶

Uma maneira de utilizar sistemas impostos constitui a resistência à lei história de um estado de fato e a suas legitimações dogmáticas (CERTEAU, 2000, p.79). A sociedade cria normas e valores que são interiorizados em níveis diferentes. Certos indivíduos, os homoeróticos no caso, usam dessas normas com intuito de se beneficiarem e trazem para si algumas conquistas.

... O Grupo funciona como um espaço de convivência e orientação sexual”²⁷

As roupas, os costumes e os códigos desses homens indicam que haviam construído uma identidade social comum ligada ao seu comportamento sexual (GREEN, 2000, p.106). É nesse ambiente que os homoeróticos socializam-se diante do preconceito arraigado na sociedade.

La pression sociale consistante exercéé par une minorité est l'une des conditions préalables de la réussite; elle détermine um blocage ou une rupture dans les institutions de groupe et dans l'application des normes soutenues parla majorité (MOSCOVICI, 1982, p. 193).

²⁶ Diário de Campo, GRAB, quart-feira, 25/10/00.

²⁷ Diário de Campo, GRAB, 12/04/01.

A mudança ocorre em virtude da influência exercida pela minoria sobre a maioria, que se sente coagida e por isso, possibilita uma abertura em suas instituições para a edificação de uma outra sociedade.

O Grupo de Resistência Asa Branca se reorganizou internamente, oportunidade em que os papéis de seus membros foram se definindo e os objetivos traçados²⁸, sinal de seu amadurecimento. Uma das frases mais conhecidas de Karl Marx²⁹ refere-se à união dos trabalhadores do mundo, para que sua luta se tornasse mais forte. Ao pensar sobre isso, percebe-se que a base da resistência homoerótica estava na fundação do próprio Grupo, o qual surge pela necessidade de defesa³⁰, informação³¹, apoio³², troca de experiências dos homoeróticos³³.

A conquista de novos territórios e a defesa dos antigos não se fazia sem algum confronto- e muitas vezes, violência-, mas a tendência geral era de expansão, e não de retração (GREEN, 2000, p.402).

Em 1990, o Presidente do Grupo era Allan Gomes, que realiza a I Campanha Contra a Violência Anti-Homossexual. Nessa mesma gestão, ele foi à Câmara Municipal de Fortaleza e discursou, cobrando mais empenho na luta contra a AIDS, solicitando das autoridades mais leitos, medicação e campanhas de prevenção.³⁴ Dessa forma, eles provocam a mudança.

²⁸ Ata da sessão realizada no dia 24 de julho de 1990.

²⁹ *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Cortez, 1998.

³⁰ Ata da sessão realizada no dia 17 de março de 1989.

³¹ Ata da sessão realizada no dia 14 de maio de 1989.

³² Ata da sessão realizada no dia 28 de agosto de 1990.

³³ Ata da sessão realizada no dia 07 de agosto de 1990.

³⁴ Ata, da sessão realizada no dia 10 de julho de 1990

A modalidade de influência chamada *inovação gravite autour de la création de conflits, tout comme la normalisation gravite autour de l'évitement du conflit, et la conformité autour du controle ou de la résolution des conflits* (MOSCOVICI, 1982, p. 193).

Serge Moscovici trata a influência exercida pela minoria sobre o grupo dominante em três situações: um momento de conformismo, outro de controle e mais um de criação de conflitos. Este permite uma reformulação da ordem social, no sentido de trazer novidades que venham implementar uma forma de organização social mais equânime.

No direito, o homem encontra e defende suas condições de subsistência moral (VON IHERING, 2002, p.41). A luta do movimento homoerótico passava de uma contestação social para uma busca de maior interação.

Preocupado com a AIDS, o Grupo criou o Centro de Apoio e Acompanhamento ao Portador de SIDA-CAAPS. Nesse Período a AIDS era tida como doença de homossexual e foi imposta ao homoerótico uma carga de responsabilidade e culpa pela expansão da doença. Não havendo em Fortaleza um órgão ou entidade que prestasse um serviço de orientação, de ajuda médica e até mesmo de informação, os próprios homoeróticos criaram condições de sobrevivência e de autodefesa.

O interesse de um na defesa do direito sempre se contrapõe ao interesse de outrem no seu desrespeito (VON IHERIN, 2002, p.35). Os conflitos são inevitáveis,

embora se perceba que o momento seja de negação de uma forma de vida, de uma orientação sexual.

Une minorité jette le doute sur l'infailibilité jugement de la majorité en concevant un modèle différent pour les mêmes buts et expliquer les mêmes phénomènes (MOSCOVICI, 1982, p. 190)

Mais uma vez encontra-se em Moscovici o questionamento que a minoria realiza sobre o modelo de dominação criado pela maioria, fechada em seus conceitos, não permitindo a penetração de outras idéias. Essas interpelação caracteriza um momento de criatividade na forma de resistência empreendida pela minoria.

A resistência estava caracterizada, nesse momento, em forma de ajuda aos pacientes com AIDS, pois eram os mais carentes, em forma de solicitação de aumento do número de leitos, apoio afetivo, doação de alimentos, acompanhamento psicológico e, até mesmo, angariar fundos para o Hospital São José.³⁵

Le processus de changement et d'innovation venant d'en bas, dans lequel le changement résulte de l'action d'une minorité que ne bénéficie pas d'un statut privilégié pour ce qui est de sa position sociale ou de sa compétence (MOSCOVICI, 1982, p. 187).

³⁵ Ata da sessão realizada no dia 07 de agosto de 1990.

A mudança não ocorre porque a maioria assim a deseja. Aquela é resultado de um processo reivindicatório marcado pela instrução, organização e pela capacidade de pressão que a minoria exerce em sua trajetória de luta social.

A passividade diante da agressão estará ele admitindo um momento de ausência de direitos em sua vida (VON IHERING, 2002, p. 42). Os homoeróticos cearenses reconhecem seus direitos e por isso questionam, reivindicam e exigem.

Através do trabalho realizado pelo CAAPS, em 1992 o GRAB é reconhecido como um grupo de utilidade pública municipal, conforme Decreto-Lei nº 7066, de 27 de março de 1992.³⁶ Hoje, o Grupo pretende ser de utilidade pública estadual.

Habituellement, les majorités considèrent ce “tier” comme un allié naturel et parlent souvent au nom du partenaire invisible. En faisant appel, avec une égale confiance, à l'autorité supérieure, légitiment les choix, leurs positions et leurs images du monde et de la société. En même temps, elles jettent le doute sur la légitimité des choix, des positions et des images du monde et de la société que possède la majorité (MOSCOVICI, 1982, p. 192).

A sociedade está organizada de forma que um determinado grupo fala em nome de todos os outros; defende seus interesses, os protege e os manipula. A dominação impetrada contra as minorias só aparece quando esses grupos reivindicam

³⁶ Ata da sessão realizada no dia 07 de janeiro de 1992.

seus direitos que estavam mascarados em forma de uma concepção tradicional da realidade, harmônica e estagnada.

No ano seguinte, com o afastamento de Allan Gomes, já debilitado pela AIDS, Cleudo Júnior assumiu a Presidência do Grupo e Ivanildo a Diretoria do CAAPS, que organizou manifestações, debates, palestras, oficinas entre os homoeróticos, buscando conscientizá-los do problema da AIDS.

Além da evidente fragilização das condições de uma vida e trabalho de maiorias a recusa de direitos que nem mesmo chegaram a se efetivar significa também a erosão das mediações políticas entre o mundo social e as esferas públicas
(TELLES, 1999, p.187).

Nesse período a AIDS era tida como doença de *gays*, o que provocou ainda mais uma recusa em compreender a situação dos indivíduos vitimados pela doença.

À medida que o GRAB foi buscando se afirmar como órgão de defesa dos homoeróticos, novas formas de resistência foram sendo criadas. Nesse momento, além da exigência às autoridades de uma melhor condição no trato com os soropositivos, o trabalho do Grupo estava voltado para a orientação aos membros sobre a AIDS, buscando conscientizá-los da responsabilidade de cada um. Essa prática foi e continua a ser realizada através de oficinas de sexo seguro³⁷, debates, distribuição de camisinha e

³⁷ Ata da sessão realizada no dia 03 de novembro de 1992.

material informativo, alerta para o maior risco de contaminação com o Carnaval.³⁸ O que é isso, se não formas de resistência?

Une minorité résolue et consistante canalise lês réponses de la majorité et laisse son empreinte sur la norme commune (MOSCOVICI, 1982, p. 188).

Resistir não significa, necessariamente, ir de encontro à minoria, mas sim, ir ao seu encontro, questionar, discutir, pressionar, a ponto de estabelecer um caminho de negociação onde as opiniões e valores da minoria sejam reconhecidos.

É tanto que Vera Telles fala da *descoberta de uma arte da negociação liberada das amarras jurídicas e burocráticas do Estado e também emancipadas de ficções teleológicas passadas* (1999, p. 146).

*Os resultados estão aparecendo aos poucos. Mas não sem muita luta*³⁹.

*A nossa luta é para que a sociedade nos aceite e nos veja como cidadãos*⁴⁰.

Percebe-se a preocupação em conscientizar os homoeróticos, para que eles percebessem seu papel como indivíduos membros da sociedade, que, apesar de estigmatizados pela doença, procuravam seu espaço. Era momento de auto-afirmação,

³⁸ Ata da sessão realizada no dia 02 de fevereiro de 1993.

³⁹ Diário de Campo, GRAB, 06/06/01.

⁴⁰ Diário de Campo, GRAB, 27/09/01.

de se apresentarem à sociedade como seres humanos que estavam sendo dizimados pelo preconceito, pelo descaso, pela ignorância.

Os direitos estruturaram uma linguagem pública que baliza os critérios pelos quais os dramas da existência são problematizados e julgados nas suas exigências de equidade e justiça (TELLES, 1994, p. 92).

Aparece então, uma necessidade de afirmar o valor ante si mesmo e ao meio social. Nesse percurso por melhores condições de relacionamento social, a rejeição da maioria se manteve lado a lado com a resistência homoerótica. Observa-se que, ao ocorrer a IV Coletiva da Solidariedade, que foi uma exposição de quadros ligados aos homoeróticos, nenhuma peça foi vendida.⁴¹

Em situações como essas, comuns no cotidiano, *é preciso acabar com o descrédito da população em relação às instituições capazes de assegurar as diversas dimensões de sua cidadania* (REIS, 1999, p.58).

*A aceitação vem com dificuldade. O homossexual é o mais discriminado de todos as categorias. A gente vê nos olhos, nos rosto das pessoas*⁴².

Em 1993, Ivanildo, então como Presidente do GRAB, realizou o I Dia Internacional do Orgulho *Gay*, expondo em um estande, na Praça José de Alencar,

⁴¹ Ata da sessão realizada no dia 23 de outubro de 1990.

⁴² Diário de Campo, GRAB, 22/11/01.

recortes de jornais que abordam a violência contra os homoeróticos, além de exposição de filmes na Casa Amarela.

As minorias criam

um espaço próprio no qual os símbolos, as normas, os valores, as experiências, as vivências, permitem reconhecer pessoas, estabelecer laços de convivência e de solidariedade, recriar uma identidade que não depende daquela produzida pela sociedade mais ampla (CHAUÍ, 1989, p. 70).

O GRAB permitiu e permite todas essas possibilidades. São práticas possuidoras de uma lógica, que se transformam em formas de resistência. Os espaços foram sendo criados e os homoeróticos se descobrindo sujeitos de direitos e que lutam para a efetivação de seus direitos, pois *o que está em jogo não é apenas o interesse do sujeito ativo, mas é a própria lei que foi desrespeitada e pisoteada. É a lei que terá se aprimorar-se, sob pena de não passar de um jogo vazio e de uma frase vazia (VON IHERING, 2002, p. 65).*

Quand la légitimité du point de vue de la minorité s'affirme ainsi, tandis que celui de la majorité est mis en question, une sorte d'équivalence s'établit entre les deux parties (MOSCOVICI, 1982, p. 192).

*Temos um avanço significativo. As pessoas costumam dizer que os gays não conseguiram nada. Não é verdade. Eu me considero vitorioso, pelo que já alcançamos*⁴³.

Em 1995 Francisco Orlaneudo Lima foi eleito Presidente do Grupo, tendo sido reconduzido até hoje. Este breve histórico tem por objetivo situar o GRAB na sociedade cearense, dando uma materialidade às suas ações.

A luta pelo direito se dá no nível da defesa da personalidade e das condições éticas de sua existência (VON IHERING, 2002, p.73). A organização do GRAB e suas reivindicações rompem com a barreira de preconceito e discriminação da maioria, mas, que, nem por isso, deixa de ser preconceituosa. Um espaço é que se abre para discussão. A maioria usa de práticas corporativistas, autoritárias e clientelistas para se manter no poder.

La minorité consistante, par son comportement et son attitude apparent, n'est pas seulement admirée, considérée comme sûre et digne de foi, ce que indique une certaine reconnaissance sociale de sa position dans le groupe; elle jouit aussi de la sympathie et, d'une certaine manière, elle est considérée como plus digne d'approbation sociale que les autres membres du groupe (MOSCOVICI, 1982, p. 219).

⁴³ Diário de Campo, GRAB,23/04/02.

A legitimidade das práticas da minoria homoerótica vem pós uma ação continuada de exigências, pressão, que estrutura uma cultura diferente, marcada pela ousadia no comportamento, ao saírem a procura de seus direitos.

Numa sociedade como a cearense, a afirmação das diferenças se faz através dos direitos humanos, que é uma luta de todos os dias. *O direito à diferença aprofunda e amplia o direito à igualdade* (DAGNINO, 1994, p. 114). Novos espaços são construídos para que as minorias se expressem através de uma negociação possível e de uma constante renovação do diálogo entre os grupos sociais.

La majorité représente à la fois la norme et la réalité, tandis que la minorité représente l'exception, l'anormal et une certaine irréalité (MOSCOVICI, 1982, p. 182).

As normas sociais foram criadas a partir de um padrão que define o normal como sendo aquilo que é aceito pela maioria. Comportamentos que não se enquadram nesse contexto são considerados anormais, que nada mais é, do que uma construção da maioria para manter a ordem social.

As discussões do Grupo possuem um leque variado que passa pela cidadania, a luta pelo respeito, o casamento homossexual, adoção de filhos, discriminação pela orientação sexual, o mercado de trabalho, preservação. Muitas vezes o trabalho do GRAB é dificultado pela falta de recursos, a desorganização das minorias e até a homofobia dos próprios homoeróticos⁴⁴.

⁴⁴ Diário de Campo, GRAB, quinta-feira, 26/04/01.

*Ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana
jamais se apresentem sob uma forma tão nítida, nem por isso é
menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo
distinguem as maneiras de agir* (CERTEAU, 2000, p. 102).

Nem sempre do Grupo é reconhecido e valorizado, mas não é por isso que os homoeróticos deixam de lutar.

O GRAB é uma organização que não tem fins lucrativos, nem empregatícios. Todos os que participam assinam um termo de voluntariado. É um grupo composto por gays, bissexuais, heterossexuais, lésbicas, assexuados, travestis. Segundo Orlaneudo Lima, eles não vivem *do* GRAB e sim *para* o GRAB, recebendo apenas uma ajuda de custos⁴⁵.

A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações (SILVA, 2000, p.82). Assim como afirma o autor, a identidade e a diferença estão relacionadas a gestos de exclusão e inclusão, ou seja, quem pertence e quem não pertence.

Atualmente o Grupo trabalha desenvolvendo alguns projetos. Implantados existem, em atuação, o Projeto Entre Nós, o Somos, o Travesti e o Projeto Soropositivo, assim como em 1995, havia o Projeto Homossexual e o Projeto Prostituição. O Grupo implantou um Curso de Informática, em convênio com o Centro de Democratização de Informática. A prática mais recente é a construção de um espaço,

⁴⁵ Diário de Campo, GRAB, quinta-feira, 26/04/01.

na sede do Grupo, para um curso de cabeleireiro, numa tentativa de capacitação dos próprios membros. São *novas formas de sensibilidade, um desenho mais igualitário das relações sociais em todos os seus níveis* (DAGNINO, 1994, p. 108).

O Projeto Travesti consiste em uma equipe de dez travestis, que é capacitada para desenvolver um trabalho de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis-DST. Este trabalho consiste no cuidado com a preservação, distribuição de camisinhas, reuniões, oficinas. Esses dez travestis desenvolvem o trabalho com outros travestis. Esta atividade é desenvolvida com eles pelo fato de terem maior acesso à comunidade travesti. Além disso, este projeto cuida de fazer uma pesquisa para cadastrar os casos de violência contra os homoeróticos. O projeto é mantido em convênio com o Ministério da Saúde.

O Projeto Entre Nós é uma atividade realizada com os Municípios de Juazeiro do Norte, Maracanaú, Caucaia, Tianguá, Independência e Sobral. Em cada um desses municípios há um homoerótico responsável por desenvolver um trabalho de prevenção junto à comunidade. Ele recebe uma ajuda de custo. É um Projeto subconveniado, ou seja, o Ministério da Saúde passa a verba para a Secretaria de Saúde do Estado e esta repassa para o GRAB.

O Projeto Sommos é desenvolvido em todo o país sob responsabilidade do Ministério da Saúde e consiste em capacitar homossexuais na área de liderança e ativismo. No Nordeste, há uma divisão entre o Grupo *Gay* da Bahia-GGB (que atua nos Estados da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas) e o GRAB, que é de Fortaleza, trabalhando com os Estados do Ceará, Maranhão, Piauí e Pará. A maioria dos recursos

financeiros do GRAB é conseguida através de projetos enviados ao Ministério da Saúde e também de doações.

Na elaboração e execução desses projetos, aparecem de um lado os sujeitos sociais ativos de que fala Moscovici, e de outro, a sociedade como um todo. Da relação entre os grupos surge *um aprendizado de convivência com esses cidadãos emergentes que recusam permanecer nos lugares que foram definidos socialmente e culturalmente para eles* (DAGNINO, 1994, p. 109).

Existe uma preocupação do atual Presidente do Grupo, Orlaneudo Lima, com o fim dos recursos, em 2002, para os projetos que trabalham com AIDS. Ele considera de suma importância o cuidado com a prevenção ainda hoje, pois na década de 1980, os homoeróticos foram os mais atingidos e, atualmente, os números de mortos pela AIDS ainda são assustadores⁴⁶.

A democracia inaugura uma história na qual os homens estão à prova de uma indeterminação última quanto ao fundamento do poder, da lei e do saber, e quanto ao fundamenta da relação de um com o outro, sobre todos os registros da vida social
(LEFORT, 1991, p. 34).

Os homoeróticos têm conhecimento de sua realidade e buscam instrumentos legais que os proteja e estabeleça uma relação entre os grupos, mais humana e solidária.

⁴⁶ Diário de Campo, GRAB, 05/02/02.

Nós devemos ser multiplicadores da segurança.

*Mostramos que o uso da camisinha é indispensável*⁴⁷.

Conforme dados do Hospital São José⁴⁸, no mês de maio de 2001, morreram 18 pessoas acometidos de AIDS. É um número bastante elevado, por isso a preocupação do Presidente do GRAB em dar continuidade ao trabalho de prevenção.

Não existe nenhum interesse de grupo que inclua todos os membros da sociedade (OLSON, 1999. p.134). Apesar da preocupação em instruir sobre o uso dos preservativos, há não apenas entre os membros do GRAB, mas na sociedade geral, um descuido e desrespeito quanto à importância da preservação contra a AIDS.

Outra forma de manifestação é o CANDLELIGHT, uma vigília de mobilização mundial em solidariedade às pessoas afetadas pela AIDS. Teve início em 1983, quando algumas pessoas com AIDS, nas cidades de São Francisco, Los Angeles e Nova York, realizaram uma caminhada com velas pelas ruas dessas cidades, como forma de lembrar das pessoas que haviam perdido suas vidas, por causa da AIDS, bem como para chamar a atenção da população e dos governos para que apoiassem os que viviam com a doença.

Em Fortaleza, o CANDLELIGHT de 2001 ocorreu na Praça do Ferreira, contendo uma programação que envolvia um cortejo em torno da praça, peça teatral (*O rapaz da rabeça e a moça da camisinha*), apresentação artística da FUNCI, mostra de

⁴⁷ Diário de Campo, GRAB, 28/02/02.

⁴⁸ Diário de Campo, Hospital São José, 29/05/01. Setor de óbitos.

vídeos dos CANDLELIGHTs anteriores, abraço da solidariedade, acendimento de velas (em memória das pessoas atingidas pela AIDS) e apresentação de corais.⁴⁹

Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do fraco na ordem estabelecida pelo forte, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos (CERTEAU, 2000, p.104).

O GRAB luta para que a sociedade aceite os homoeróticos e os veja como cidadãos, conscientes de seus direitos e deveres.

La conformité définit le comportement d'un individu ou d'un sous-groupe lors que ce comportement est determine par des normes et des attentes legitimes du groupe (MOSCOVICI, 1982, p. 182).

A luta pelos direitos é sinal que a minoria homoerótica está insatisfeita com a sua posição na sociedade. Suas ações expressam descontentamento quanto ao desrespeito para com as diferenças.

Antes de ser homossexual, eu sou uma pessoa. Muitos gays são excelentes profissionais. Enfim, dão sua contribuição para

⁴⁹ Diário de Campo, Praça do Ferreira, 18/05/01.

*a sociedade*⁵⁰.

O Grupo não é isolado, porquanto faz parte da Comissão Nacional de AIDS, que é um órgão do Ministério da Saúde, da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, do Conselho Estadual de Saúde, do Forum de ONG's do Estado do Ceará e da Associação Brasileira de *Gays*, Lésbicas e Travestis-ABGLT.

Os grupos pequenos podem agir com mais decisão e utilizar seus recursos com mais eficiência dos que os grupos grandes (OLSON, 1999, p.66). O GRAB não consegue essas articulações entre os grupos que possuem outros objetivos, mas se auto-organiza para enriquecer seu movimento.

O Grupo tentou uma articulação com outros grupos, como a Associação dos Pacientes Renais, dos Portadores de Deficiência Física, com o Movimento Negro, com o Hip Hop, mas não houve uma receptividade, um interesse maior. Não há uma ação efetiva, no sentido de uma aliança que pudesse torná-los mais fortes na luta por seus direitos. Essa desarticulação não acontece só no Ceará, mas também em todo o Brasil.

Atualmente, o principal opositor do Movimento Homossexual tem sido a Igreja Católica, em particular, e as outras igrejas também. Conforme destaca João Silvério Trevisan⁵¹ os homoeróticos não têm muito apoio nem patrocínio para executar os projetos e as atividades lúdico-educativas.

⁵⁰ Diário de Campo, GRAB, 08/01/02.

⁵¹ Ob.cit. p.20.

Sanções e recompensas sociais são incentivos seletivos, isto é, são incentivos do tipo que pode ser utilizado para mobilizar um grupo latente (OLSON, 1999, p.73). Tanto católicos quanto evangélicos posicionam-se contra o movimento gay. Acompanhando o pensamento de Mancur Olson, isso funciona como estímulo às práticas do Grupo para se tornem mais rebuscadas.

*O mercado já descobriu que os gays são importantes, porque consomem. O fato de ter aparecido boates, bares, barracas de praia exclusivos para os gays é uma vitória*⁵².

A própria necessidade de organização já é uma forma de resistência. Trabalhando juntos, tendo objetivos comuns, lutando de forma coletiva, o movimento tem se tornado mais forte. Além disso, o GRAB realiza reuniões quinzenais em sua sede⁵³ para discussões de temas e questões ligadas à homossexualidade: debate sobre AIDS e homossexualidade; exposições denunciando a violência contra homoeróticos⁵⁴; moções e cartas de protesto contra a discriminação⁵⁵; oficinas de sexo mais seguro para homossexuais⁵⁶, oficinas e palestras em escolas, comunidades, sobre AIDS e homossexualidade⁵⁷; desenvolvimento de projetos de prevenção à AIDS para michês e homoeróticos masculinos⁵⁸; reuniões com portadores do HIV⁵⁹; promoção de atos públicos e caminhadas, além de campanhas de esclarecimento.

⁵² Diário de Campo, GRAB, 19/03/02.

⁵³ A sede do Grupo de Resistência Asa Branca fica localizada à rua Tereza Cristina, 1050, Centro, Fortaleza.

⁵⁴ Ata da sessão realizada no dia 30 de maio de 1995.

⁵⁵ Ata da sessão realizada nos dias 18 de março de 1997 e 15 de junho de 1998.

⁵⁶ Diário de Campo, GRAB, 29/05/01.

⁵⁷ Ata da sessão realizada no dia 22/11/99.

⁵⁸ Ata da sessão realizada no dia 15.07.1997.

⁵⁹ Ata da sessão realizada em agosto de 1996.

Lês modalités d'influence incluent, outre la conformité, la normalisation et l'innovation (MOSCOVICI, 1982, p. 181).

A inovação é a forma que melhor permite a contestação e a construção de uma sociedade que entenda e respeite suas minorias. Essa fazem-se reconhecer através de práticas cotidianas que representam seus anseios e necessidades.

Subverter a partir de dentro - não rejeitando-as ou transformando-as (isto acontecia também), mas por com maneiras de empregá-las a serviço de regras, costumes ou convicções estranhas ao dominante da qual não podiam fugir (CERTEAU, 2000, p. 95).

O GRAB utiliza a informação correta, livre de preconceito, no sentido de verdadeira, não deturpada, como veículo divulgador dos temas legados ao homoerotismo. Os membros do Grupo se mostram preocupados com muitas questões.

*Na Divine existe um quarto escuro para se transar sem camisinha. Como é que nós falamos em proteção e alguém faz uma coisa dessa?*⁶⁰.

*No Conjunto Ceará*⁶¹, *existe um grupo de homofóbicos que ameaça travestis e gays*⁶².

⁶⁰ Diário de Campo, GRAB, 16/04/02.

⁶¹ É um bairro da cidade de Fortaleza.

⁶² Diário de Campo, GRAB, 05/09/2000.

A luta mais efetiva ora empreendida está na aprovação do Projeto de Lei N° 1151, de 1995, que deveria ter sido reapresentado para votação no dia de 09 de maio de 2001. Isso não aconteceu, em virtude da pressão de grupos evangélicos e contrários ao teor do Projeto de Parceria Civil, que propõe direito à herança, sucessão, benefícios previdenciários, seguro-saúde em conjunto, declaração do Imposto de Renda e direito à nacionalidade brasileira para estrangeiros, como acontece nas relações heterossexuais.

Não se dá por acaso que toda a sua cultura se elabore nos termos de relações conflituais ou competitivas entre mais fortes e mais fracos, sem que nenhum espaço, nem legendário ou ritual possa instalar-se na certeza de neutralidade (CERTEAU, 2000, p. 86).

Pode existir maior desigualdade que admitir a eliminação da vida, devido sua orientação sexual? ⁶³.

As ações empreendidas pelo GRAB são uma forma de falar, *de produzir o sentido de experiências antes silenciadas* (TELLES, 1999, p. 192). Os projetos, as reuniões, os debates, as passeatas assumem uma postura de anúncio, de contestação diante de uma sociedade machista e preconceituosa.

O Brasil é uma sociedade autoritária, na medida que não consegue, até o limiar do século XXI, concretizar sequer os princípios (velhos de três séculos) do liberalismo e do republicanismo. Indistinação entre o público e o

⁶³ Diário de Campo, GRAB, 07/05/02.

privado, incapacidade para tolerar o princípio formal e abstrato da igualdade perante a lei, combate da classe dominante às idéias gerais contidas na Declaração dos Direitos Humanos e do Cidadão, repressão às formas de luta e de organização sociais e populares, discriminação racial, sexual e de classe, a sociedade brasileira, sob a aparência de fluidez (pois as categorias sociológicas, válidas para descrição das sociedades européias e norte-americanas, não parecem alcançar a realidade social brasileira), estrutura-se de modo fortemente hierárquico...(CHAUÍ, 1989, p.47).

Aquilo que se chama de ‘vulgarização’ ou ‘degradação’ de uma cultura seria então um aspecto, caricaturado e parcial da revanche que as táticas utilizadoras tomam do poder dominador da produção (CERTEAU, 2000, p. 99).

E aparecem ainda as relações de dominação, que são marcantes na sociedade brasileira, onde *...as relações sociais se efetuam sob a forma de tutela e do favor (jamais do direito) e a legalidade se constitui como círculo fatal do arbítrio (dos dominantes) à transgressão (dos dominandos) e, desta, ao arbítrio (dos dominantes)* (CHAUÍ, 1989, p. 48). Diante das citações apresentadas, explica-se porque o Brasil tem em sua essência as marcas do machismo e do preconceito. São características herdadas do período colonial e que se manifestam na atualidade. Mais uma vez, recorre-se à Marilena Chauí, no sentido de esclarecer o funcionamento da sociedade brasileira.

...numa sociedade que considera o sexo apenas sob o prisma da reprodução da espécie, ou como função biológica procriadora, serão reprimidas todas

as atividades sexuais em que o sexo genital for praticado sem cumprir aquela função: masturbação ou onanismo, homossexualismo masculino e feminino (ou sodomia), sexo oral (felácio, cunilingua),sexo anal, coito interrompido, polução sem penetração (voyeurismo) (1991, p. 78).

Uma forma de questionar essa ordem social aparece nas ações das minorias, que satirizam a cultura dominante. Essa reação está presente em Michel de Certeau, quando ele fala que *aquilo que se chama de 'vulgarização' ou 'degradação' de uma cultura seria então um aspecto, caricaturado e parcial da revanche que as táticas utilizadoras tomam do poder dominador da produção (2000, p.99).*

A sociedade em muitos caos, vê as ações do grupo de forma deturpada, pois em alguma vezes os homoeróticos se expõem através de gestos e comportamentos que se afastam do habitual. A resistência homoerótica se expressa através de sua organização, discussão de temas que estão no seu contexto social, tais como as diferenças sexuais⁶⁴, reações à discriminação⁶⁵, sendo explicados o sentido do homoerotismo e sua necessidade de convívio social pleno.

Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças de representações estabelecidas (CERTEAU, 2000, p.79).

⁶⁴ Diário de Campo, GRAB, 26/03/02.

⁶⁵ Diário de Campo, GRAB, 07/05/02.

Vivemos dentro de um espaço limitado. Necessitamos de aceitação plena ⁶⁶.

É preciso reconstruir o valor da vida. Nós estamos fazendo isso, aqui no GRAB ⁶⁷.

O movimento de resistência busca maneiras de participação que fujam aos padrões e mecanismos formais de representação. A violência, as roupas extravagantes, o comportamento exagerado não mais caracterizam o movimento homoerótico. Novos instrumentos enriquecem sua prática. A luta por direitos, *tanto o direito à igualdade como o direito à diferença- constitui a base fundamental (sic) para a emergência de uma nova noção de cidadania* (DAGNINO, 1994, p. 104).

Nesses estratagemas de combate existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor (CERTEAU, 2000, p.79).

A luta pela cidadania é a base da resistência homoerótica, que resulta de um longo caminho na História do Brasil, pois a cada conquista alcançada, surge outra necessidade que carece de solução. E, dessa forma, os homoeróticos se organizam e combatem juntos, para alcançar os direitos, construindo uma cidadania ativa.

⁶⁶ Diário de Campo, GRAB, 05/02.

⁶⁷ Diário de Campo, GRAB, 21/05/02.

CONCLUSÃO

No interior da sociedade a questão da marginalização tem meandros que revelam a permanência de processos de exclusão social. Grupos discriminados pela etnia, orientação sexual, religião etc, chamados de minorias revelam-se possuidoras de direitos. Excluídos, lutam por um espaço na sociedade e conquistam seus direitos.

O movimento *gay* é um dos exemplos de minorias ativas que está lutando contra o preconceito, a discriminação e o estigma, que são imposições históricas ligadas ao homoerotismo.

Chamada de sodomia, pecado nefando ou popularmente de fanchonice, “o amor que não ousa dizer o nome” foi, depois do judaísmo, o “crime” mais perseguido pela senha inquisitorial (MOTT, 1988, p.14).

Em Fortaleza o marco é ano de 1989, com o surgimento do GRAB. Ao se pensar como Braudel, para quem nada é dado, percebe-se que a resistência homoerótica está sendo construída através de uma peleja difícil, entremeada de conquistas e repressão.

A resistência é marcada por artimanhas, invenções cotidianas que contesta a sociedade, mas também cria outros tipos de relação entre os grupos. **Passeatas, palestras, oficinas, diversão, projetos, debates, a criação de bares, boates e resorts, reuniões, discussões, vigílias, ajuda aos portadores de HIV, luta pelo direito** são

instrumentos utilizados não apenas para contestar, mas para propor, reivindicar os direitos negados. É uma resistência aberta, consciente e organizada que formaliza meios de enfrentamento. A resistência não está pronta. Ela vai sendo construída conforme o cotidiano.

O movimento homoerótico luta com a organização de grupos que trabalham com a educação dos homoeróticos, mostrando seu papel de agente transformador da história. O objetivo do movimento é fazer com que a sociedade os aceite e os respeite como seres humanos capazes e não como uma ameaça a ser extirpada.

Apesar do movimento homoerótico cearense ser novo, já se observam alguns avanços, como é o caso da Lei 8.211/98, que determina sanções às práticas discriminatórias por orientação sexual no Município de Fortaleza, documento este elaborado através de uma pressão dos homoeróticos cearenses.

A discriminação e o preconceito são muito grandes no Ceará, o que dificulta o reconhecimento do homoerótico e, dessa forma, a sociedade finge que eles não existem e que não os vê, embora, no momento de cobrar, a sociedade exige e é perversa. Não foi encontrado nenhum pensador que fundamente essa idéia, mas, pelos depoimentos, observa-se que o preconceito contra os homoeróticos é mais do que qualquer outro. É um estigma que o Grupo de Resistência Asa Branca, no Ceará, está procurando reverter, através da conscientização dos homoeróticos, seguida por divulgação, protesto, reivindicação, pressão etc.

O Grupo de Resistência Asa Branca vem desempenhando um papel de luta pela construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, onde se torne possível a convivência harmoniosa entre os diferentes grupos sociais. Assim como a educação, o resultado da ação desenvolvida pelo GRAB está aparecendo aos poucos.

Outra cultura vai se instituindo e propiciando a construção de uma cidadania mais participativa, mais atuante.

As roupas, costumes e códigos desses homens indicam que haviam construído uma identidade social comum ligada ao seu comportamento sexual. Alvo de desprezo pelos profissionais de saúde e pela sociedade----- , ainda assim demonstravam uma resistência surpreendente ao manter múltiplas de se socializarem enquanto desafiavam o comportamento normativo da sociedade (GREEN, 2000, p. 106).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS E ARTIGOS

- ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. 7.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- ARIES, Philippe e BÉJIN, André. *Sexualidades Ocidentais*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A Cidadania Ativa: referendo, plebiscito e iniciativa popular*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1998.
- BOBBIO, Norberto. *A Era dos Direitos*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRAUDEL, Fernand. *A Dinâmica do Capitalismo*. Lisboa: Teorema, 1985.
- CARNEIRO, Maria Luíza Tucci *Minorias Silenciadas: História da Censura no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2002.

- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- CASTEL, Robert. As artimanhas da Exclusão. IN. WANDERLEY, Mariângela Belfiore, BÒGUS, Lucia e YAZBEK, Maria Carmelita. *Desigualdade e a Questão Social*. São Paulo: EDUC, 1997.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual: essa nossa (dês)conhecida*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. *Conformismo e Resistência. Aspectos da Cultura Popular no Brasil*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. *Brasil: mito fundador e sociedade. Autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CHIAVENATO, José Júlio. *O Negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

COSTA, Moacir (coord.). *Amor e sexualidade: resolução dos preconceitos*.

São Paulo: Gente, 1994.

TELLES, Vera da Silva. *Sociedade Civil e a Construção de espaços*

Públicos. IN. DAGNINO, Evelina. *Anos 90. Política e Sociedade no*

Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ESCOREL, Sarah. *Vidas ao Léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de

Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal,

1979.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. 9.ed.

Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Estigma*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais*. São Paulo:

Loyola, 1997.

GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil*

do século XXI. São Paulo: UNESP, 2000.

IHERING, Rudolf von. *A Luta pelo Direito*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

LEFORT, Claude. *Pensando o Político: Ensaio sobre Democracia, Revolução e Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LESBAUPIN, Ivo. *Poder Local X Exclusão Social: a experiência das prefeituras democráticas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LINS, Regina Navarro. *A Cama na Varanda*. 3 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão Social e a Nova Desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual*. 2.ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

MOSCOVICI, Serge. *Psychologie des Minorités Actives*. 2.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

MOTT, Luiz. *O Sexo Proibido: escravos, gays e virgens nas garras da inquisição*. Campinas: Papirus, 1988.

OLSON, Mancur. *A Lógica da Ação Coletiva: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais*. São Paulo: EDUSP, 1999.

REIS, Elisa. *Cidadania: História, Teoria e Utopia*. IN. PANDOLFI, Dulce Chaves. *Cidadania, Justiça e Violência*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

RODRIGUES, José Honório. *Tempo e Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Cidadania no Brasil: um longo caminho*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *História Viva*. São Paulo: Global Universitária, 1985.

SAWAIA, Bader. *As Artimanhas da Exclusão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de Movimentos Sociais*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*.

IN. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TELLES, Vera da Silva. *Direitos Sociais: afinal do que se trata?* São Paulo: Brasiliense, 1999.

TOURAINÉ, Alan. *Poderemos Viver Juntos?: iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados; moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 7.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

VIEIRA, Liszt. *Cidadania e Globalização*. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

XIBERRAS, Martine. *As Teorias da Exclusão*. Paris: Instituto Piaget, 1993.

FONTES MANUSCRITAS E IMPRESSAS

Livros de Atas do Grupo de Resistência Asa Branca, Livros 1, 2 e 3.

Veja, n.19, 12 de maio de 1993.

Veja, n.07, 16 de fevereiro de 2000.

Isto é, n.1448, 02 de julho de 1997.

Super Interessante, n.168, setembro de 2001.

Veja, n. 3, 24 de janeiro, 2001.

Direitos humanos é também direito às diferenças. Fortaleza, 2000.

I Encontro GLTT do Ceará. *Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais*.

Direitos humanos e prevenção, chegando ao 3º milênio. Fortaleza, 2000.